

Anais III Jornada Benedito Nunes

Resumos Simples

FISIOGNOMIA DA AMAZÔNIA: EXPERIÊNCIA E ESTÉTICA ENTRE WALTER BENJAMIN E LUIZ BRAGA

Alex Cardoso Oliveira

RESUMO

Este ensaio busca tecer possíveis relações entre o conceito benjaminiano de fisionomia e o universo imagético amazônico do fotógrafo paraense Luiz Braga. Utiliza-se do método benjaminiano “da escrita da história através de imagens”, para a compreensão de uma fotografia amazônica de cunho antropológico e documental. Que, em suas epifanias e encantarias, constituem uma autêntica experiência estética da Amazônia. Concluindo que, através de suas composições e cores, a obra de Braga revela-se como uma das mais importantes poéticas visuais da fotografia contemporânea brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Luiz Braga; Fotografia Amazônica; Poética Visual; Fisionomia da Amazônia.

REFERÊNCIAS:

- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas; v. 1).
- BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In: **Estética e sociologia da arte**. ed e trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas; v. 1).
- BOLLE, W. **Fisionomia da Metrópole Moderna: representação da história em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- CHAVES, E. **Retrato, imagem, fisionomia: Walter Benjamin e a Fotografia**. In: No limiar do moderno. Belém: Paka-Tatu, 2003.
- FARINA, M. M. O lugar como acontecimento nas imagens de Luiz Braga. Revista Estúdio, Artistas sobre outras obras. Lisboa, v. 7, p. 146-154, 2016.
- LOUREIRO, J. J. P. **Epifanias e Encantarias na Fotografia De Luiz Braga**. Disponível em: <http://experienciamazonia.org/site/artistas/luiz-braga/EPIFANIAS-E->

ENCANTARIAS-NA-FOTOGRAFIA-DE-LUIZ-BRAGA-Joao%20de-Jesus-Paes-Loureiro.pdf>. Acesso em 26 de junho de 2017.

MOKARZEL, M. Luiz Braga: imagens e afetos. In: **Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia: crônicas urbanas**. FILHO, M. K. (Org.). Belém: Diário do Pará, 2011.

OLIVEIRA, R. P. **Antropologia e Filosofia: experiência e estética na literatura e no cinema da Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2015.

Uma análise da cobertura da chacina em Pau D'Arco feita pelo jornal Diário do Pará

Camila Fagundes Leal¹

Marcos Mello da Silva Trindade

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo empreender uma análise jornalística do caso referente ao massacre ocorrido no município de Pau d'Arco em Redenção - Pará, no dia 24/05/2017. Busca-se focar, de maneira crítica, o modo como o caso foi difundido tanto por jornais impressos paraenses quanto por jornais de fora do Estado. Sabe-se que o número de assassinatos que ocorrem por conflitos de terra no Pará vem sofrendo, no decorrer das últimas décadas, um aumento significativo, em decorrência da ação das polícias civil e militar em processos de reintegração de posse ou pela ação de grileiros, o que tem levado centenas de pessoas a morte por conta da brutalidade desses atos. Por conseguinte, abordar-se-á o porquê desse quantitativo se tornar cada vez maior, de que forma os jornais podem ajudar a reverter esse tipo de situação e quais são as implicações sociais resultantes desses conflitos agrários para os trabalhadores rurais de Pau d'Arco.

PALAVRAS-CHAVE: Massacre; Pau D'Arco; Jornais.

¹ Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail:

Bauman e a ética: a valorização da norma ética como forma de solificar a harmonia no convívio social

Parsifal André Rodrigues da Silva

RESUMO

Este trabalho de cunho bibliográfico tem como objetivo analisar, questionar e refletir de forma filosófica a importância que a “norma ética”, termo usado pelo filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman no seu livro “ética pós-moderna”, tem para que possamos ter uma sociedade harmoniosa, uma paz social e uma convivência comunitária solidificada fazendo também um diálogo com Aristóteles e sua ideia de que o ser humano é um animal político e social, para assim podemos ponderar os valores éticos na sociedade e como é possível que tenhamos uma sociedade ainda que respeita os valores éticos.

PALAVRAS-CHAVE: Bauman; Norma ética; Aristóteles.

A GEOPOÉTICA DO HABITAR NA AMAZÔNIA- MARAJOARA: Fenomenologia da experiência ribeirinha

Felipe Kevin Ramos da Silva²

RESUMO

O presente estudo tem como recorte espacial a comunidade ribeirinha “Joaquim Antônio”, município de Muaná, mesorregião do Marajó (PA), com objetivo de compreender a relação entre os habitantes do lugar e seu mundo circundante (Umwelt), no contexto do espaço vivido e da dinâmica socioambiental da comunidade, resgatada na memória, percepção e vivência comunitária, admitindo a existência da geopoética do habitar ribeirinho por via das experiências cotidianas como dimensões da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Habitar; Linguagem; Lugar; Paisagem.

² Acadêmico do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO/UFPA). E-mail: felipekevin.geografia@gmail.com

Para além do logos: as inteligências múltiplas

Renata Tayanne da Silva Duque

Fabírcia Ferreira

RESUMO

O objetivo da presente comunicação é tornar explícito a ideia de que, para além do logos, existem inteligências múltiplas, e que, por isso, devem ser divulgadas para da comunidade acadêmica, locus da elaboração de políticas educacionais. O início da filosofia no século VI a.c, com Tales de Mileto na Grécia, deu início ao surgimento do Logos, que os romanos traduziram por Ratio (razão), ou seja, as faculdades intelectuais própria do ser humano, marco da atividade lógica-dedutivo. A cultura greco-romana deu alicerce ao que chamamos hoje de cultura ocidental. O pensamento aristotélico, baseado nos métodos dedutivos, trouxe as bases ao que iria fundamentar mais tarde as teorias da racionalidade moderna, desde Descartes (1596-1650), com o conhecido método cartesiano a Frege, (1848-1925), um dos principais criadores da lógica matemática moderna. E, pelo lado mais estrito, em que a razão toca a linguagem, esta sofreu também verdadeira transformação com Ferdinand de Saussure (1857-1913), fundador principal da Ciência da Linguagem. Esse ideal racionalista percorrido pelo pensamento ocidental priorizava as operações matemáticas e lógicas, que deu fundamento a nossa cultura, levando a disseminação do conceito de inteligência dos indivíduos, no qual tão somente as inteligências denominadas logico-matemática e linguística possuíam valoração no que diz respeito à cognição humana. Na área educacional, esta ênfase trouxe uma série de implicações. Provas e testes baseados unicamente em medir o nível de inteligência logico-matemático e linguística dos alunos, não poderiam mensurar outras habilidades de acordo com a pluralidade de todos os indivíduos, de modo que, os alunos que não se encaixavam naqueles parâmetros, possuíam baixo rendimento escolar e/ou sofriam preconceito. Contudo, em 1983, Howard Gardner, através do Projeto Zero de Harvard, formula sua teoria das inteligências múltiplas, no qual para eles, os indivíduos possuem múltiplas habilidades, ou inteligências (Lógico-Matemática, Linguística, Espacial, Corporal-Sinestésica, Interpessoal, Intrapessoal, Musical e Naturalista), de modo que conseguiu ultrapassar as noções comuns de inteligência, trazendo esta como uma capacidade de resolução de problemas dentro deste potencial que cada ser humano teria, quebrando com os velhos conceitos tradicionais acerca disso, e trazendo novas formas de olhar o indivíduo principalmente no âmbito educacional. Entretanto, as velhas formas de pensar o ser humano, valorizando e enfatizando mais os alunos que possuem as inteligências logico-matemática e linguística, ainda continuam arraigadas na cultura ocidental, por isso, é necessário repensar sobre estes aspectos, e vivenciar uma educação atualizada que não desclassifica os diferentes seres humanos em parâmetros específicos, mas sim que expande seus conceitos e percebe cada ser como sendo único, e trabalha pra que esta individualidade e inteligências emergem de modo saudável e natural.

PALAVRAS-CHAVE: Lógos; Inteligências Múltiplas; Educação.

Estudo da ética na formação profissional do assistente social

Moselle Feitosa da Silva³

Vivianne Thayná de Araújo Teixeira⁴

RESUMO

O Código de Ética do Serviço Social passou mudanças significativas, imprimindo ao profissional um novo olhar. Assim, é imprescindível analisar a ética desde a formação acadêmica, bem como, a conservação destes princípios na atuação, averiguando se ainda se tornam significativos no decorrer da práxis. Para isto, tal trabalho é fruto da disciplina Ética Profissional e Serviço Social ministrado no 6º semestre, que nos instigou a repensar o fazer do profissional frente ao empoderamento ético. Utilizamos como metodologia: a pesquisa bibliográfica, observação direta e uma entrevista.

PALAVRAS-CHAVE: Código de ética; Formação Profissional; Serviço Social.

REFERÊNCIAS:

BONETTI, D. A. et al. **Filosofia Moral**. In: Serviço Social e ética convite a nova práxis. São Paulo: Cortez/CFESS, 1996.

BARROCO, Maria Lucia Silva. **Ética e Serviço Social: Fundamentos Ontológicos**. 8º Ed – São Paulo; Cortez, 2010.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8662.htm>. **Lei nº 8.662, de 7 de junho de 1993**. Acesso em: 28/05/2017.

Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/visualizar/menu/local/regulamentacao-da-profissao>>. **Regulamentação da Profissão**. Acesso em: 03/05/2017.

IAMAMOTO, Maria Vilela. O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. 9º Ed. São Paulo, Cortez, 2005.

NETTO, José Paulo. **A construção do Projeto Ético Político do Serviço Social**. Brasília, 1999.

³ Acadêmica do 7º semestre de Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: moselle.feitosa10@gmail.com.

⁴ Acadêmica do 7º semestre de Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: viviannethayna@gmail.com.

A PROBLEMATIZAÇÃO E REFLEXÃO INERENTE À INFÂNCIA: O Ensino De Filosofia Com Crianças Do Ensino Fundamental I De Uma Escola Pública De Belém

Juliana Torres Cabeça⁵

Henrique de Moraes Junior⁶

RESUMO

Este ensaio tem por objetivo expor os resultados de encontros pedagógicos com temas filosóficos a fim de destacar a capacidade reflexiva e dialógica das crianças quando em contato com a reflexão de sua própria realidade enfatizando, assim, o alcance do método freireano de educação. O ensaio está dividido entre introdução com a exposição dos pressupostos teóricos e justificativa do tema; o desenvolvimento com o reconhecimento das bases que formam a ideia de Filosofia com Crianças e os diálogos desenvolvidos com elas; por último as análises dos encontros citados.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Popular; Filosofia com crianças; Paulo Freire.

⁵ Graduanda do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Monitora da disciplina de Filosofia do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE/UEPA), Educadora Popular e Estudante-Pesquisadora do Grupo de Estudo e Trabalho em Educação Freireana e Filosofia (GETEFF) do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP). E-mail: julianatcabeca@gmail.com.

⁶ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Monitor de Filosofia da Unidade Temática: Filosofia da Educação, vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). E-mail: henriquemoraesjr@gmail.com

PAULA SAMPAIO E JORGE LIMA: Um Processo Semiótico/Artístico Do Século XX

Helder Fabricio Brito Ribeiro⁷

Mariano Klautau Filho⁸

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o processo semiótico-artístico de criação fotográfica/fotomontagem de Paula Sampaio e Jorge Lima do século XX. As imagéticas de Sampaio pesquisadas neste estudo pertencem ao livro “O Lago do Esquecimento” (2013), já as imagens de Lima integram o livro “A Pintura em Pânico” (1943). Apesar de criadores imagéticos de tempos diferentes, ambos discutem as mudanças identitárias em suas obras, assumindo discursos verídicos a partir do ponto de vista cultural, atrelados a situações políticas. Como suporte teórico e metodológico para análise semiótica da imagem os autores Lucia Santaella e Winfried Nöth (2008); para falar do gesto de fotografar e da fotografia seguem-se as orientações teóricas de Vilém Flusser (1985) e Boris Kossoy (2014); para a construção da imagem, Philippe Quéau (1993); o pensamento na fotografia, Jacques Rancière (2012) e sobre elementos da estética, Isaac Camargo (1999).

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Paula Sampaio; Jorge Lima.

⁷ Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA, E-mail: helderribeiro_pa@yahoo.com.br

⁸ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA, E-mail: marianokf@uol.com.br

“FOI NO BAIRRO DO JURUNAS”: Estudo de caso de uma ação de educação patrimonial e de mapeamento cultural na E.E.M. Honorato Filgueira – Belém, Pa.

Ângela Sánchez Leão⁹

Raimundo Justiniano do Carmo Neto¹⁰

RESUMO

O presente trabalho visa relatar a experiência educativa desenvolvida na E.E.M. Honorato Filgueira – Belém, PA. Tal prática teve como foco principal a apresentação, de uma forma dinâmica e criativa, para os alunos de áreas periféricas a ideia construção coletiva do conceito de patrimônio cultural. Salientamos que o trabalho de educação patrimonial desenvolvido na escola Honorato Filgueira, passou pela valorização do humano enquanto maior patrimônio a ser preservado e pela defesa dos direitos humanos, contra os fascismos e pela diversidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Ensino fundamental; Diversidade cultural; Bairro do Jurunas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wargner Berno de. **Nova Cartografia Social da Amazônia**, Ribeirinhos das Ilhas de Belém 8, 2008, PP. 03 – 12.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História fundamentos e métodos**. Editora Cortez, 2008, PP. 273 – 290.

CHAUÍ, Marilena; **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. Cortez Editora, 1981, PP. 50 – 89.

FLONÊNCIO, Sônia Rampim. **Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial** / Organização Adson Rodrigo S. Pinheiro. – Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015. 210p.: il. – (Série Cadernos do Patrimônio Cultural; v.1)

⁹ Professora da rede municipal de ensino público em Belém, Doutora em História Social, formada pelo programa de pós-graduação da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e Técnica em Gestão Cultural do DPHAC (Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural) da SECULT-PA (Secretaria de Cultura do Pará). E-mail: angisleao@yahoo.com.br.

¹⁰ Licenciado pleno em história pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia/ FIBRA. Pós-graduação em nível de especialização em Patrimônio cultural e educação patrimonial pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia /FIBRA. E-mail: raimundohistoria@gmail.com.

RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano**. Editora do NAEA, 2008. PP.133 – 245.

CONFLITOS SOCIAIS E MERCANTILIZAÇÃO DE TERRITÓRIOS NO PARÁ: uma abordagem sobre Belém e Barcarena

Taynáh de Nazaré Argolo Marinho¹¹

Ana Caroline dos Santos Ferreira¹²

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre os conflitos sócio territoriais, desencadeados a partir da inserção do grande capital, destacam-se os municípios de Belém e Barcarena no estado do Pará. As análises de bibliografias e documentos têm constatado que lógica do mercado materializada por Grandes Projetos na região tem despontado diversos conflitos pela terra. Nesse sentido, pretende-se abordar o território amazônico considerando seus rebatimentos para a população local e tradicional bem como compreender como estes sujeitos têm se organizado em defesa dos direitos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Conflitos Sócio Territoriais; Direitos Sociais; Belém-Barcarena.

¹¹ Graduanda em Serviço Social, Universidade Federal do Pará: taynah.a.marinho@gmail.com

¹² Graduanda em Serviço Social, Universidade Federal do Pará: 1904carolineferreira@gmail.com

MÍSTICA E ECOLOGIA A PARTIR DA DIMENSÃO DO CUIDADO

Fabíola Barroso Cabral¹³

Josias da Costa Júnior¹⁴

RESUMO

O presente estudo é um recorte de resultados do projeto PIBIC/CNPq/UEPA, que visa estabelecer uma relação entre a mística e a sociedade contemporânea, marcada pela chamada crise ecológica, através da dimensão do cuidado. Metodologicamente, a investigação possui caracterização bibliográfica, onde desenvolve a definição de mística num sentido mais abrangente, apresentando a relação do fenômeno místico e suas implicações com a sociedade e natureza. O arcabouço teórico conceitual subjacente à pesquisa é apresentado a partir da concepção de cuidado de Martin Heidegger.

PALAVRAS-CHAVE: Mística; Cuidado; Heidegger.

REFERENCIAL

_____. Mística e natureza no pensamento de Albert Schweitzer. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**. Bahr, v.6, n. 1, p. 206-220, Jan-Jun. 2015. Disponível em <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/view/1046>>. Acesso em 23 de Junho de 2017. <http://dx.doi.org/10.18328/2179-0019/plura.v6n1p206-220>.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

COSTA JUNIOR, Josias da. **Espírito Criador: Teologia e Ecologia**. São Paulo: Fonte Editorial. 2011.

DE CERTEAU, M. **A Fábula Mística**. Rio de Janeiro: Forense. 2015.

¹³ Acadêmica do curso de filosofia da Universidade do Estado do Pará. Membro do grupo de pesquisa Região e Mística. Membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire. (E-mail: fabiolabarrosocabral@gmail.com).

¹⁴ Professor Dr. do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará. Coordenador do grupo de pesquisa Religião e Mística. (E-mail: josiasdacosta@gmail.com).

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LIMA VAZ, Henrique Claudio de. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.

HOMEM E AMBIENTE EM SIMBIOSE: RELAÇÕES DE ÉTICA A PARTIR DO CUIDADO E DA ALTERIDADE.

Thainá dos Santos de Andrade¹⁵

Cristiano de Jesus Barros Ramalho¹⁶

Mário Jorge Brasil Xavier¹⁷

RESUMO

Este ensaio apresenta a relação entre homem e ambiente a partir da ética da alteridade de Emmanuel Lévinas (2007) e o cuidado essencial de Leonardo Boff (2005). A análise que propomos é o homem e o ambiente social amazônicos em simbiose, ou seja, a associação de indivíduos exercendo influência recíproca no ambiente. Apresentamos duas questões que norteiam esse trabalho: 1) Como acontece a relação de ética entre o sujeito cognoscente (homem) e o objeto cognoscível (ambiente social)? 2) como a relação dos sujeitos influencia no organismo formado entre o Homem - Ambiente social?

PALAVRAS-CHAVES: Alteridade; Cuidado Essencial; Homem e Ambiente.

¹⁵ Graduanda do curso Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade do Estado do Pará / thainaand_cf@hotmail.com

¹⁶ Graduando do Curso Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade do Estado do Pará / cristiano258je@gmail.com

¹⁷ Prof.^o Me. em Antropologia Social – UFPA. Coord. do Curso de Licenciatura Plena em Ciências sociais da Universidade do Estado do Pará / mariojbrasil@gmail.com

A ÉTICA DA LIBERTAÇÃO DUSSELIANA COMO CRÍTICA AOS SISTEMAS DE ETICIDADES MODERNAS EUROPÉIAS.

Marlen Lorena Oliveira Soares¹⁸

RESUMO

O presente estudo têm como objetivo analisar através do olhar dusseliano: o conceito de modernidade européia, e os sistemas de eticidade considerados pelo autor como eurocêntricos. A discussão será estruturada em duas partes: na primeira, apresento as ideias principais propostas por Enrique Dussel na sua obra “A origem do mito da modernidade”, onde ele problematiza o processo de colonização dos países latino-americanos e a conseqüente negação da cultura e do Ser do Outro; na segunda parte apresentarei os principais pressupostos éticos defendidos por ele, e a possibilidade da superação do irracionalismo moderno, por meio da razão libertadora.

PALAVRAS-CHAVE: Dussel; Modernidade Européia; Sistemas de Eticidade.

REFERENCIAL TEÓRICO CITADO

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão**. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Filosofia da Libertação: Crítica á ideologia da exclusão**. 5ed. São Paulo: Paulus, 2015.

_____. **O Encobrimento do Outro: a origem do mito da modernidade**. Conferências de Frankfurt/ Enrique Dussel; Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Epistemologia e Educação: bases conceituais e racionalidades científicas e históricas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

¹⁸ Acadêmica do curso de filosofia da Universidade do Estado do Pará. Membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire. (E-mail: marlenlorena.s@hotmail.com).

A REALIDADE PERIFÉRICA SOB O OLHAR DO COLETIVO TELA FIRME EM BELÉM-PA

Alessandra Nunes de Oliveira¹⁹
Jetur Lima de Castro²⁰

RESUMO

Tem por objetivo mostrar concepções práticas, alternativas e emancipatórias de comunicação na realidade da periferia de Belém-Pa, através do Coletivo Tela Firme. Contextualiza uma breve reflexão, mostrando a iniciativa do coletivo de comunicação popular Tela Firme, no sentido de romper com a lógica de representação da grande mídia local, mostrando a realidade sobre o Bairro da Terra Firme, por assim, dado por ações que são realizadas como manifestações culturais, como carnaval e cortejos folclóricos, diferentemente como a mídia local à sintetiza como um bairro penalizado pela ocorrência de violências urbanas e policiais e que são desencadeadas por meio das instâncias de poder. Para tanto, a pesquisa busca cultivar o pensamento crítico, fazendo uma tessitura construtiva e contributiva que remodela e arranja uma maneira diferente de pensar e compreender a realidade local atribuída pela mídia. Elencado por Morin (1986), há a necessidade de associar os avanços sociais e tecnológicos, à construção do conhecimento enquanto capacidade de ação. E Porquanto, sem uma relação estritamente crítica, alicerçado sobre o pensamento de Habermas (1987) sobre a realidade social as informações são transformadas em veículos de cegueira que dificultam a interpretação e concepção da realidade como é narrado pelas mídias locais de comunicação. Dispõe-se de uma pesquisa exploratória, em que tenta mostrar a relação do Coletivo Tela firme sob uma perspectiva de quadro e fenômeno emancipatório para a periferia, sob relação de socialização e direito de informação. Deste modo, situa-se que a construção cultural da sociedade está arraigada por construtos desiguais de poder das forças produtivas. E por conseguinte, o coletivo Tela Firme vem a reboque sendo um grupo que luta pela dignidade humana. A discussão referente à dignidade humana versa sobre as ações do direito, da pluralidade dos seres humanos em detrimento das ações coletivas cotidianas, de ações dos direitos democráticos e de cidadania. Por fim, o Coletivo Tela Firme torna-se imprescindível pro rol de discussões para refletir sobre a luta do povo, construir, significar e ressignificar por meio utilizando a rede social canal no *Youtube*, como forma alternativa de chamar atenção, cobrando políticas públicas que ofertam serviços necessários para a dignidade de vida local do Bairro e mostrando a beleza da periferia.

PALAVRAS-CHAVE: Dignidade humana; Emancipação; Cidadania.

¹⁹Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: alessandranunesoliveira@gmail.com.

²⁰ Bibliotecário-graduado em biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Filosofia Temática (GFT), e Pesquisador/colaborador da Rede Cariniana (Ibict).

REFERÊNCIAS

HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

MORIN, E. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

PACHAMAMA E A VOZ DO ECOFEMINISMO AMAZÔNICO

Fabíola Barroso Cabral²¹

Marlen Lorena Oliveira Soares²²

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a figura mitológica amazônica pachamama sob a perspectiva ecofeminista. Para isso percorreremos um caminho de três momentos. No início, apresentaremos a discussão do pensamento ecofeminista sob o arcabouço teórico das teólogas Rosemary Radford Ruether e Ivone Gebara, iniciando com a relação de dominação patriarcal das mulheres e a natureza. A seguir, apresentaremos as configurações do mito pachamama no contexto da amazônia colombiana e, por fim, estabeleceremos uma aproximação a partir da perspectiva simbólica- cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Pachamama; EcoFeminismo; Radford.

REFERENCIAL

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. **Beberagens Indígenas e Educação Não Escolar no Brasil Colonial**. Belém: FCPTN, 2012.

FARES, Josebel Akel. Um Memorial das Matintas Amazônicas. Belém: Fundação Cultural do Estado do Pará, 2015.

GEBARA, Ivone. Pluralismo religioso: uma perspectiva feminista. In: TOMITA, Luisa; VIGIL, José M.; BARROS, Marcelo (Org.). **Teologia latino-americana pluralista da libertação**. São Paulo: Asett/Paulinas, 2006.

PARISACA, Narciso Valencia. **La Pachamama: Revelación del Dios creador**. Colección Iglesias, pueblos y culturas. Peru: *Editorial Abya Yala*, 1999

RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: Conexões Simbólicas e Sociais entre a Opressão das Mulheres e a Dominação da Natureza. **Estudos Teológicos**, EST, v. 32, n. 3, p. 240-252, 1992.

_____. Ecofeminismo: Mulheres do Primeiro e do Terceiro Mundo. **Estudos Teológicos**. EST, v. 36, n. 2, p. 129-139, 1996.

²¹ Acadêmica do curso de filosofia da Universidade do Estado do Pará. Membro do grupo de pesquisa Região e Mística. Membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire. (E-mail: fabiolabarrosocabral@gmail.com).

²² Acadêmica do curso de filosofia da Universidade do Estado do Pará. Membro do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire. (E-mail: marlenlorena.s@hotmail.com).

MÚSICA EM BELÉM: O ROCK E O TECNOBREGA COMO EXPRESSÕES DO COTIDIANO

Valena de Jesus Barros²³

RESUMO

A música é uma importante fonte de informação e comunicação pois transmite ideias e pensamentos, que embora partam de uma abordagem subjetiva – ideias do autor/compositor – podem refletir uma realidade, assim como despertar ou instigar o ouvinte/receptor para sua própria reflexão. Nesse contexto, Belém é uma cidade dotada de informação, a qual está presente em diferentes aspectos, como por exemplo os cheiros, costumes e sabores o que torna sua cultura vasta, significativa e simbólica. Cultura esta que passeia por diferentes estilos e tipos, dentre eles a música e a dança, por exemplo. Sendo assim, na cena musical paraense é possível encontrar, desde ritmos tradicionais como o Carimbó – que em 2015 se tornou Patrimônio Cultural Brasileiro – aos mais contemporâneos como o Tecnobrega e o Rock. Dito isto, a relevância deste estudo justifica-se pela presença marcante que a arte e cultura tem na vida das pessoas, especialmente na cidade de Belém uma cidade marcada pela mistura de ritmos essencialmente distintos. Assim, o presente resumo visa compreender de que maneira a riqueza cultural do estado bem como seus problemas influenciam para o fortalecimento dessas manifestações culturais no estado. Dessa forma, considerando a música como uma importante ferramenta de comunicação e expressão, e que há muito é objeto de estudo de distintas áreas, ela está intimamente ligada e atrelada a história da humanidade permitindo aos indivíduos falarem de si para si mesmo em linguagem simbólica e poética. Dessa forma, é no cotidiano que as experiências são tomadas como parâmetros para a tomada de decisões bem como para a formulação de conceitos e pré-conceitos, além de contribuir para formação do sentido de sua existência na sociedade em que faz parte. Partindo deste princípio, desde muito pequenos somos expostos a diferentes tipos de expressões culturais, no Pará, uma dessas expressões artísticas é o tecnobrega que atinge todas as camadas sociais, mas é na e da periferia que este gênero encontra inspiração e se renova a cada dia. As rádios locais abrem espaço e divulgam os novos Dj's e bandas enquanto as aparelhagens tocam todos os fins de semana em algum ponto da cidade, inclusive nos bairros periféricos. Um dos motivos para que seja tão bem aceito e entoadado é seu senso de identificação por parte das pessoas que escutam, pois muitas vezes as letras narram o cotidiano ou mesmo sentimentos comuns aos seres humanos, como amor e ciúmes por exemplo. Seguindo-se, temos o gênero

²³ Graduada no curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal do Pará. Emai: valena.barros@yahoo.com.br

rock, que no Pará, especialmente em Belém, cresceu consideravelmente nas últimas décadas. Jovens insatisfeitos com as precárias condições de vida na cidade, violência e descaso das autoridades governamentais encontraram neste gênero uma possibilidade de expressar suas angústias. Para Setton (2009, p. 20) “os estilos musicais são capazes de cumprir uma função de integração grupal, de servir como referência de grupo e, portanto, se realizar como instituição identitária”. Com o passar do tempo e uma perceptível aceitação deste gênero em Belém, pessoas de todas as idades se identificam e através dos eventos mantêm contato uns com os outros e compartilham experiências. Acerca disso, Leão e Prado (2007, pag. 69) argumentam que “a música tem uma função fundamental na formação de grupos e atua muitas vezes como elemento de aglutinação social e definição da identidade”. Por conseguinte, concluímos que a música é um fato social que assume um importante papel agregador, capaz de influenciar e participar da vida dos seres humanos colocando-os como agentes transformadores e ativos no contexto social, buscando através da arte expressar e comunicar suas angústias e aspirações.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Arte; Música.

REFERÊNCIAS

LEÃO, L., PRADO, M. Música em fluxo: programas que simulam rádios e a experiência estética em redes telemáticas. *Revista Líbero*, SP, Ano X, n.20, pp. 69-79. Dez. 2007.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Reflexões sobre a dimensão social da música entre os jovens. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano 14, n 1, p. 15-22, 2009.

FILOSOFIA INTERCULTURAL: PROPOSTA, MODELO E DIÁLOGO

Henrique de Moraes Junior²⁴

Juliana Torres Cabeça²⁵

RESUMO

Na América Latina o colonialismo exclui outras culturas e filosofias. O Ensaio Filosófico objetiva refletir sobre a Filosofia e Cultura na obra: La interculturalidad a prueba do Filósofo Raúl Forne-Betancourt que problematiza a hegemonia eurocêntrica na Filosofia e cultura. Este propõe uma experiência contextual compartilhada. Infere-se a possibilidade de currículos mais inclusivos na Universidade. Pesquisa de Revisão Bibliográfica. O Ensaio apresenta: Introdução, Filosofia Intercultural: Proposta, Modelo e Dialogo; Considerações finais e Referencias bibliográficos.

PALAVRAS-CHAVES: Filosofias; Culturas; Exclusões.

²⁴ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Monitor de Filosofia da Unidade Temática: Filosofia da Educação, vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE) e Estudante-Pesquisador nas áreas de: Filosofia da Educação, Filosofia da Libertação, Filosofia Intercultural, Ecologia de Saberes, Epistemologia e Estética. E-mail: henriquemoraesjr@gmail.com

²⁵ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Monitória de Filosofia da Unidade Temática: Filosofia, vinculado ao Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE), Educadora Popular e Estudante-Pesquisadora do Grupo de Estudos e Trabalho em Educação Freireana e Filosofia (GETEFF) do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP). E-mail: julianatcabeca@gmail.com

TRABALHANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DO TEMA GERADOR ÁGUA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA RUY DA SILVEIRA BRITO

²⁶ Nicholas Santos Braz

²⁷ Cilane da Silva Melo

RESUMO

A temática água é bastante discutida nos diversos setores da sociedade seja por instituições acadêmicas, órgãos governamentais, pelo setor privado, por organizações não governamentais, dentre outros, essa preocupação deve-se a sua fundamental importância para a manutenção da vida no planeta, pois foi a partir da existência deste recurso natural que tornou-se possível a sobrevivência da espécie humana. No Brasil, principalmente na Região Norte a abundância do recurso hídrico é notável, pois a região é cercada por diversos rios. Belém, a capital do Pará, é cercada pela Baía do Guajará, no entanto apesar da abundância do recurso hídrico a cidade sofre problemas recorrentes a outras metrópoles, como a má distribuição da água para a população, falta de manutenção no sistema de abastecimento e poluição dos corpos hídricos. Visando a importância de discutir a temática água houve o interesse em desenvolver um projeto de intervenção com alunos do ensino fundamental da escola municipal Ruy da Silveira Brito localizada no bairro do Marco em Belém. O objetivo geral do trabalho consistiu em investigar a importância da temática água no cotidiano dos alunos. O projeto de intervenção teve como ponto de partida entrevistas com questionários com perguntas fechadas relacionados a temática água, os sujeitos da pesquisa foram crianças com faixa etária de sete a nove anos. A partir da análise dos questionários, verificou-se que os alunos tinham um conhecimento superficial sobre o tema gerador água, como forma de contribuir para a discussão do assunto desenvolveu-se um projeto de intervenção. Este consistiu em oficinas, atividades de campo, exposição de materiais como vídeo e palestra, trabalhos em grupo, brincadeiras. A intervenção foi dividida nas seguintes etapas: apresentação da temática do projeto, observação do ambiente escolar, bebedouros, pias e caixa de água, um momento de reflexão sobre o desperdício na escola, uso de materiais como copo de plástico, torneira, chuveiro, explicando o uso correto, explicação sobre a poluição dos rios com o lixo, roda de conversa com os alunos sobre o futuro, mostrando que eles são os responsáveis pela preservação do ambiente. Durante a execução da intervenção percebeu-se o desenvolvimento positivo de cada aluno em relação à temática abordada, a aceitação positiva da escola depois de vê o projeto em ação. A intervenção contribuiu para um ciclo maior; a busca do

²⁶ Acadêmico do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará-UFPA. E-mail: nickbraz87@gmail.com

²⁷ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará-UFPA. E-mail: cilane.melo@yahoo.com.br

conhecimento e preservação do meio ambiente, mas como também formando novos aliados na luta contra a falta de água e o desperdício. Os problemas que envolvem a água são de extrema relevância, haja vista a importância que esse recurso tem para a sobrevivência e perpetuação da sociedade. O combate ao desperdício e a conscientização das pessoas não é uma tarefa fácil a ser trabalhada, no entanto precisa-se de iniciativas que assumam esse desafio. O projeto de intervenção considerou as crianças como sujeitos ativos que contribuem efetivamente com as questões ambientais. O trabalho de sensibilização sobre a temática água deve ir além dos muros da escola, pois as crianças levam todo o conhecimento apreendido para dentro de casa, e uma forma de atingir a família sobre a importância dessa consciência ecológica.

PALAVRAS-CHAVE: Água; Educação Ambiental; Belém.

Rap da Libertação: Um Instrumento Ético para a Filosofia da Libertação de Enrique Dussel

Júlia Glenda Farias Pantoja²⁸

RESUMO

O Rap é visto como expressão marginalizada que não está inserida em “cultura” pela modernidade. Parte-se da Filosofia da Libertação de E. Dussel para entender o Rap como instrumento de libertação, com conceitos de “Alteridade”, “Libertação”, entre outros. Fez-se análise das músicas de Karol Conka e Racionais Mc’s, onde são encontrados assuntos como o empoderamento negro feminino, racismo fixados contra estereótipos relacionados aos negros, etc.. As vozes das vítimas do sistema excludente, conformidade com a modernidade, coincidem na Filosofia da Libertação e nos Raps analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Libertação; Rap; Modernidade.

²⁸ Graduada em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA, graduanda do curso de Bacharelado em Direito pela Faculdade Maurício de Nassau. Contato: (91) 98446-2430 e (91) 3271-2450. Email: ffariasjuliag@gmail.com

MANIFESTO DA OITAVA ARTE: JOGO DIGITAL

Francisco Henrique Texeira de Lima²⁹

RESUMO

Este trabalho busca apresentar o jogo digital sob o título de oitava arte seguindo o mesmo rigor conceitual concebido Richard Wagner ao formular o conceito de objeto de arte total no qual deve conter a representação de todas as Artes. Sabe – se que reconhecia a ópera esta arte multimídia, mas Ricciotto Canudo viria no século seguinte dizer que o cinema é a sétima arte que representaria as artes em seu objeto: o filme. Desta forma, validando – se dos pressupostos de R. Canudo, o jogo digital enquanto oitava arte seria aquela que conteria o filme, tornando – se a oitava arte.

PALAVRAS-CHAVE: Objeto de Arte Total; Cinema; Jogo Digital.

²⁹ Licenciado e Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal do Pará.
Técnico em Desenvolvimento de Jogos Digitais.
Graduando em Engenharia de Bioprocessos pela Universidade Federal do Pará.

Feiras livres um lugar de produção e troca de saberes e culturas: Uma Pesquisa no Complexo da Pedreira.

Deborah Gadelha Espírito Santo

RESUMO

As feiras representam um fenômeno sociocultural e econômico proveniente dos aglomerados de pessoas barracas, donde são comercializados diversos tipos de produtos (alimentos, roupas, sapatos, acessórios de casa, artesanatos entre outros). Ainda que com o passar do tempo as feiras livres tiveram seu espaço reduzido pelo crescimento de outros canais de comercialização, como os supermercados observa-se que, ainda hoje, este canal ainda desempenha um papel fundamental na consolidação econômica e social da agricultura familiar, sob a perspectiva do feirante, e socioeconômico cultural, sob a perspectiva do consumidor. (GODOY e ANJOS, 2007b). Portanto, o presente trabalho, tem como finalidade identificar a complexidade informacional em feiras livres, apontando os conceitos fundamentais dos sistemas complexos através de uma pesquisa local e bibliográfica. A pesquisa consiste em entender como funciona a troca de informação nas feiras, como podemos identificar o que seria o processo de auto-organização, e também como caracterizar a feira em sistema aberto ou fechado, quais os elementos existentes dentro da mesma nos quais seriam os parâmetros de ordem e de controle, o que faz existir uma ordem e uma desordem dentro da feira? Ela possui um sistema linear e não linear? “Em princípio, o campo da teoria dos sistemas é muito mais amplo, quase universal, já que num certo sentido toda realidade conhecida, desde o átomo até a galáxia, passando pela molécula, a célula, o organismo e a sociedade, podem ser concebidos como sistema, isto é, associação combinatória de elementos diferentes”. Identificando tais aspectos dos sistemas complexos em feiras livres o trabalho consistira em compreender como funciona a dinâmica que se instaura dentro dela e, com isso entender como se dá a questão da percepção- ação e o pano de fundo dessas feiras e em que esse pano de fundo pode influenciar no comportamento sociocultural dos agentes que compõe a estrutura da feira como por exemplo, os produtos, os vendedores, os compradores.

PALAVRAS- CHAVE: Feiras Livres; Complexidade; Cultura e informação.

A consciência como espaço de sentidos a partir da Stimmung em Dilthey e Heidegger

Bráulio Marques Rodrigues

RESUMO

A palavra alemã Stimmung é um termo da estética e da teoria literária que contém traduções como “atmosfera”, “humor” e “sentimento”. Termo de múltiplas acepções, aqui a empregamos em um sentido fenomenológico muito específico, o “clima” ou a “presença”. O que é a Stimmung? Em termos fundamentais, seriam os hábitos e os comportamentos – pois muito mais determinante do que o juízo – encontra-se naquilo que Dilthey chamou de “vivência” o modo de compreensão humano originário que refletiria sobre a materialidade do mundo da vida (Lebenswelt). Uma vez que a Stimmung é acessada na imanência da vida sua configuração é relativa a uma forma de reconhecimento, ou melhor, a uma disposição do sentimento de si e do outro. Neste trabalho pretendemos investigar as bases fenomenológicas da Stimmung na filosofia de Dilthey e Heidegger. Para tanto pretendemos partir da abordagens fenomenológicas enquanto psicologia do espírito em Dilthey para, em seguida, abordar se essa fora apropriada por Heidegger na construção de uma antropologia existencial. Uma vez que Heidegger ensina que a Stimmung é um fenômeno observável no apoderamento humano de um ânimo ou humor que permite o compartilhamento de um pensamento ou de uma emoção, a Stimmung seria um pressuposto da epoché – as circunstâncias histórico-sociais de compreensão da epocalidade, que, dispostas em uma forma de compartilhamento estético – que retrata o paradigma de uma época no espaço de uma experiência comum: um mesmo “clima” que sintoniza uma afinação sensível entre os contemporâneos de um mesmo período histórico, e por conseguinte, atribui à linguagem um conteúdo existencial de pertencimento. Deste modo, pode-se dizer que a Stimmung não figura apenas na interioridade de um ente ou essência humana, mas ao contrário, é um espaço de convivência e coexistência com o outro que, inexoravelmente, coloca nossos valores em perspectiva. Para precisar nossa análise, quando falamos de convivência não estamos nos referindo somente a um interlocutor determinado, mas antes a relação do humano com o tempo. Cumpre lembrar que para Heidegger, a ideia de natureza é compreendida enquanto mundo circundante. Diferentemente da ontologia tradicional, Heidegger propõe uma ruptura com a noção objetual de natureza para, em contraposição, propor uma figuração de natureza que tenha sua raiz comum na imaginação. Em outras palavras, a natureza deixa de representar uma essência e passa a simbolizar um horizonte: o conhecimento adquirido na concretude de caminhos, no atravessamento de ruas, na observação e passagem de vias. Resta na métrica dos percursos e nas medições do tempo a valoração da

experiência, a relação do homem com o tempo. Ao nosso ver, tanto a relação do homem com a experiência da vida, em Dilthey, quanto a relação do homem com o tempo, em Heidegger, pode encontrar fundamentação no conceito de Stimmung que remonta ao romantismo alemão. A Stimmung orienta um entendimento da natureza mediado pela cultura e, portanto, enquadra nesta relação uma interdependência característica do diálogo e da afetividade. A Stimmung é um acontecimento necessário para a harmonia da convivência e para a tipificação de cada momento histórico enquanto narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Stimmung; Dilthey; Heidegger.

Os acidentes ambientais em Barcarena e a Ecologia Profunda

Patricia dos Santos Rocha³⁰

Prof. Dr. Antonio Sergio da Costa Nunes³¹

RESUMO

O objetivo desse trabalho é fazer uma reflexão sobre os acidentes ambientais em Barcarena-PA e a Ecológica Profunda. Argumentando que é necessário pensar uma nova ética, a ética sistêmica. Mostrando que a ecologia espiritual coloca os seus valores na terra (ecocentricos) e não no homem (antropocêtricos). Essa ecofilosofia foi criada por um filósofo norueguês Arne Naess em 1970, elaborou seus estudos a partir de Gandhi e do filósofo holandês Spinoza. Refere-se ao conceito de que o meio ambiente não deve ser preservado apenas por causa da sua importância para o ser humano. Em outras palavras acredita na proteção do homem por meio da proteção do planeta. A metodologia utilizada abordada foi relatar desde os anos de dois mil os acidentes ambientais em Barcarena e os aspectos éticos da ecologia profunda. Portanto, se torna necessário refletir a nova ética da ecologia profunda, pois, pensa não somente as parte isoladas em um ecossistema, mas o todo, sendo essencial para pensar os acidentes ambientais ocorridos em Barcarena.

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Ecologia Profunda; Homem.

³⁰ Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Orientador: Prof. Dr. Antonio Sérgio da Costa Nunes. Área de pesquisa: Filosofia Ecológica. Email: patty1035@hotmail.com

³¹ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (1989), graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (1980), mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1997) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2009). Atualmente é adjunto nível 2 da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia da Linguagem e Filosofia Ecológica a partir da Teoria dos Sistemas Complexos, Filosofia Moderna e Contemporânea atuando principalmente nos seguintes temas: certum, mente primigênia, filologia, filosofia ecológica e linguagem mítica. Com pós-doutorado em Filosofia Ecológica realizado na UNESP de Marília-SP sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Eunice Quilici Gonzalez.

ONTOLOGIA FUNDAMENTAL E TEORIA SISTÊMICA: UMA INTERSEÇÃO ENTRE TEMPO HEIDEGGERIANO E SISTEMA DE BERTALANFFY

Pamela Soares Alves³²

RESUMO

A Teoria geral dos sistemas de Bertalanffy expõe que nos sistemas generalizados encontramos conceitos, modelos, princípios e leis semelhantes, ele considera que as ciências dissociaram-se em seus campos, a TGS seria um instrumento capaz de auxiliar diferentes campos. A ontologia fundamental Heideggeriana exposta em Ser e Tempo propõe através da questão do ser o tempo como horizonte de sentido em geral de compreensão do ser, essa ontologia seria o fundamento para todas as outras ontologias.

PALAVRAS-CHAVES: Bertalanffy; Ser e Tempo; Heidegger.

³² Graduada em Filosofia, Universidade Federal do Pará, email: pam_s.a@hotmail.com

Amazônia indígena: a floresta como sujeito.

Patrick Pardini

RESUMO

A Antropologia mostra que as sociedades ameríndias estendem a condição de pessoa ou sujeito aos não-humanos. A relação sujeito-sujeito (relação intrinsecamente *ética*) é uma relação simétrica, de troca e reciprocidade. Ao abarcar humanos e não-humanos, ela estabelece o domínio universal da Cultura. O que predomina na civilização ocidental é a relação sujeito-objeto (assimétrica, de poder e dominação), da qual se originou a Natureza-objeto, separada do Homem-sujeito, único detentor de Cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Ética; Antropologia.

O Espírito Transgressor: repercussões sociopolíticas através do fazer artístico-performativo-contemporâneo no município de Igarapé-Miri/PA.

Robson Farias Gomes³³

RESUMO

A proposta deste trabalho tem como foco a análise das repercussões sociopolíticas no município de Igarapé-Miri/PA acendidas pela inserção de estudos e pesquisas em poéticas performativas contemporâneas através do Estúdio de Performances “Rogo”. Especificamente, envidamos esforços para compreender de que forma o fazer artístico-performativo-contemporâneo atravessa vivências num município de tão conservador pensamento e corporeidade, culminando num espírito transgressor. Este espírito transgressor diz respeito ao fazer desprendido da valoração sociopolítica e religiosa tornando o fazer artístico independente e autônomo. Para isto, utilizou-se de metodologia teórico-prática. Em sentido teórico analisamos bibliografia específica acerca de processo de criação artística, corpo político e relação estético-política com os textos “Dança Contemporânea: a narrativa de uma impossibilidade” (2011), de Tereza Rocha, “Redes da Criação” (2006), de Cecília Salles e “A partilha do sensível” (2005), de Jacques Rancière, tudo isto permeado pelo conceito de Teatro de Porão (2009), cunhado pela artista cênica e professora da ETDUFPA2, Dra. Wlad Lima. Em termos práticos, a pesquisa procedeu por meio de elaboração poética de 04 (quatro) miniespectáculos na linguagem dança através do fazer teorizado pela artista belenense, em sua tese de doutorado, Ana Flávia Sapucahy, denominada Dança Imanente (2010). Neste entrelace, desenvolve-se uma discussão a respeito de um espírito transgressor cultivado no fazer artístico de uma região “nua” de tons da presença e formação de plateia para as artes cênicas, suscitando os seguintes questionamentos: que questões/relações éticas implicam neste fazer? E como ocorrem estas afecções tanto para os bailarinos transgressores quanto para esta sociedade instituída religiosa e conservadora?

PALAVRAS-CHAVE: Poética Performativa Contemporânea; Espírito Transgressor; Ética.

³³ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará - UFPA e discente do Curso Técnico em Dança com habilitação em Intérprete-criador pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará – ETDUFPA. E-mail: robsongomes_15@hotmail.com.

FILOSOFIA ECOLÓGICA: O MEIO AMBIENTE, A PERCEPÇÃO E AÇÃO NAS PLANTAS, NO SEU MODO DE VIDA SÉSSIL IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS PARA O FUTURO DA AMAZÔNIA

ANGELA LIMA GADELHA

RESUMO

Neste ensaio abordar-se-á, as plantas, no entorno dos rios amazônicos, lembrando da música esse rio é minha rua de Rui Barata como alusão ao tema Filosofia ecológica. Filosofia palavra originalmente grega que quer dizer amigo do saber, e ecologia, onde eco quer dizer casa e logia estudo, é a ciência que estuda a relação entre os seres vivos entre si e o meio ambiente em que vivem, palavra criada pelo alemão Ernst Haeckel , enfim ela desenvolve acerca da relação entre o ser vivo e o meio ambiente abrangendo a Sistêmica universal onde nesta expressa-se uma estrutura complexa que se compõe de ordem, desordem, emergência e auto-organização em sistemas abertos e fechados, bem como princípios entrópicos e hologramáticos, segundo pensamento de Edgard Morin e sua Teoria dos Sistemas Complexos, no estudo das plantas amazônicas.

PALAVRAS-CHAVES: Filosofia ecológica; Complexidade; Morin.

JARDIM DA POESIA: OUVIR, LER, DEBATER E PLANTAR

Israel Gutemberg

RESUMO

Promover ações objetivando despertar o interesse do aluno pela leitura e, viabilizar meios para a conscientização da importância de sua democratização junto à população excluída das oportunidades de acesso à leitura, entre outros objetivos, é propostas do Projeto Jardim da Poesia. Serão incentivados: Sarau poético, varal da poesia, leitura de contos, oficinas de produção de textos, troca de livros e finalmente cultivar o Jardim da Poesia com plantas ornamentais e flores, em que os alunos sintam o prazer de plantar, regar e cuidar, despertando a consciência estética e crítica da necessidade de proteger o meio ambiente. O projeto visa ainda suscitar questões sociais, políticas e econômicas, possibilitando uma oportunidade ímpar ao nosso alunando. Possibilitando um trabalho interdisciplinar no qual se propicie um momento de reflexão entre professores e alunos, suscitando à importância histórico-cultural, a poesia, o formalismo artístico, bem como a linguagem estética.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Ambiental; Práxis; Estética.

CABEÇA VORAZ/VOADORA: POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE MITOLOGIA AMAZÔNICA E PSICANÁLISE

Rebeca Míriam Siqueira Coelho

RESUMO

Este trabalho apresenta a relação mítica existente entre as populações nativas tradicionais da Amazônia, em que estabelecem através do mito, o primeiro contato com o conhecimento, da forma que este é elaborado para poder compreender sua realidade. Para tanto, focou-se nos trabalhos da antropóloga Betty Mindlin, no qual relata em especial, os mitos dos povos indígenas do estado de Rondônia, nas obras 'A Cabeça Voraz' (1996) e 'Viagem Noturna' (2012). Estes textos falam a respeito dos mitos que possuem traços da mesma "estória" em comum: casos de mulheres que possuem cabeças que descolam do corpo, recebendo o nome de cabeça voraz ou voadora. Destes relatos, pode-se observar a função da mulher nestas aldeias, as quais são severamente castigadas por suas perversões. É neste momento que se faz possível o enlace com a psicanálise, sendo feita uma discussão a partir da leitura de textos de Freud 'O Mal-Estar na Civilização' (1996) e 'Totem e Tabu' (2012), aos quais fazem o vínculo entre Psicanálise e Cultura, de como pode o sujeito vir a se constituir mediante seu meio, estipulando seu modo de agir, interditando seu desejo pelas regras de convivência, a norma, e, que nestas comunidades acabam sendo muito bem instruídas através dos mitos. Ao abordar a perversão e a repressão, é feito uma referência ao psicanalista brasileiro Paulo Roberto Ceccarelli, utilizando-se textos como 'Mitos, Sexualidade e Perversão' (2012a) e 'Mitologia e Perversão' (2012b), que se conectam às obras já citadas de Sigmund Freud, adicionando-se neste momento 'A Repressão' (2012?). E conclui-se, ao mesclar com a antropologia filosófica pelo ponto de vista do filósofo alemão Ernst Cassirer, com suas obras 'Antropologia Filosófica' (1967) e 'A Filosofia das Formas Simbólicas: o pensamento mítico' (2004), em que este considera o mito como forma simbólica, primordial ao processo de desenvolvimento cultural humano.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia; Psicanálise; Antropologia Filosófica.

Resumos Expandidos

III JORNADA BENEDITO NUNES

GRUPO SOCIAL

AS FRONTEIRAS SOCIAIS E O DIREITO A CIDADE: OS ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS EM BELÉM ANTE A REPRODUÇÃO DA SEGREGAÇÃO

Luã Gustavo das Neves Oliveira³⁴

Resumo

É necessário, antes de tudo, conceituar assentamentos precários como áreas de forte precariedade de infraestrutura, saneamento e habitação. De população majoritariamente com renda de zero a três salários mínimos. Identifica-se no ano de 2008 um total de 147 destas áreas em Belém. Panorama este, que remonta a dinâmica de urbanização da cidade desde a década de 1980, culminando no adensamento populacional das chamadas áreas de “baixada”. Característica que reproduz a segregação socioespacial atualmente na capital, onde o direito a cidade tem sido cerceado da parcela mais pobre desta.

PALAVRAS-CHAVE: Assentamento; Belém; Segregação.

1 – Belém e a reprodução da segregação socioespacial

O município de Belém apresenta características singulares, dada sua topografia similar a um arquipélago, gerando um seletivo movimento de ocupação de terras em sua fundação e expansão inicial, característico pelo uso de terras destinadas a fins militares adquiridas pela união, e consagrando os bairros próximos a esta com status de centro da metrópole (CARDOSO, 2009).

Este fluxo se deu de forma específica excluindo áreas de difícil acesso ou com índices de insalubridade, onde a população de menor poder aquisitivo, sem condições de legitimar sua condição locou as denominadas áreas de baixada³⁵ nos limites

³⁴ Graduando em Estatística, Faculdade de Estatística – Faest, Universidade Federal do Pará – UFPA, Bolsista no Laboratório de Pesquisas e Práticas sociais na Amazônia – Labpsam, lu.dasneves@gmail.com.

³⁵ Área caracterizada por estar localizada em terrenos de cota inferior a 3,70m da maré máxima e é formada por um imenso charco, onde estão localizadas as casas do tipo palafitas, acessíveis somente por meio de estivas ou mesmo por barcos, conhecidas por serem espaços de moradia das chamadas classes sociais de baixo poder aquisitivo.

continentais da 1ª légua patrimonial do município, estendendo-se posteriormente aos limites do município, conurbando com Ananindeua.

Segundo Pinheiro:

A ocupação dessas áreas ambientalmente frágeis (margens de rios, áreas de mangue, etc.) traz como consequência, graves problemas como: alagamentos/inundações, poluição de recursos hídricos, assoreamento de cursos d'água, etc. Surge um problema rivalizado entre a preservação ambiental e a moradia, essas áreas protegidas por legislação ambiental não permitem o acesso legal a elas pela limitação de seu uso, por outro lado, alia-se a essa problemática a dificuldade do poder público de prover soluções que dialoguem com as necessidades da população moradora dessas áreas (2015, p. 12).

Esse panorama se dá principalmente pelo fato desta população paupérrima não ter acesso a vias legais que lhes permitam garantir direito à moradia digna. Restando-lhes em grande maioria a informalidade, o que deu início a ocupação irregular destas áreas, quase sempre de forma desordenada e sem acesso aos aparelhos públicos fundamentais, tais como saneamento básico, coleta de lixo, água potável encanada e energia elétrica.

Nesse sentido a visualização dos estratos sociais se mostra delimitados pelas fronteiras dos bairros. Identificando os contornos centrais para as classes abastadas e legando aos níveis mais baixos deste gradiente os bairros marginais e distritos mais afastados do centro histórico da capital.

De tal modo o presente ensaio visa expor a discussão a respeito do direito legítimo a cidade, constantemente negado as classes proletárias. Definindo que tal direito não corresponde somente a ter moradia digna, mas também dispor do entorno de sua habitação e equipamentos públicos concernentes à mesma.

Nesta perspectiva Lefebvre ressalta que todo cidadão “[...] tem necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir essas percepções num ‘mundo’” (2001, p.105). Não bastando somente à compulsão urbanística do direito a cidade, mas também todas as necessidades humanas e sociais que se agregam e reproduzem no hábito de morar.

2 – A segregação Socioespacial e os assentamentos precários em Belém

Por segregação pode-se apontar como o ato ou efeito de afastamento, que no caso sócioespacial corresponde não somente ao delimitar as áreas de uso e habitação

entre as classes, mas também de modo velado, a forma de reproduzir as relações sociais hierarquizadas já exaustivamente empregadas pelo capitalismo.

Cardoso em seus estudos aponta que:

A segregação sócioespacial produzida pelas relações sociais capitalistas, configurada pela distribuição seletiva e hierarquizada de diferentes grupos sociais inseridos na estrutura urbana, separa e diferencia estes grupos no acesso aos equipamentos e serviços coletivos, reservando às categorias sociais de renda média e elevada as zonas mais bem equipadas, deixando à classe operária e às camadas populares o acesso à moradia em áreas precárias, como morros, favelas, alagados, periferias, subúrbios sem infraestrutura básica e serviços coletivos, qualitativa e quantitativamente, insuficientes (2009, p. 122).

Na cidade de Belém a segregação pode ser vislumbrada geograficamente quando avaliamos o potencial exploratório do capital, balizado pelo apoio do Estado ao equipar os bairros mais valiosos a essa dinâmica capitalista.

Este processo tem sido marcado principalmente por políticas higienistas que condicionam os espaços urbanos bem estimados pelo capital e seus interesses. Agindo em contrapeso em detrimento dos sítios desinteressantes a esta atividade.

De tal forma que restou então às classes populares o destino de bairros como, Terra Firme, Guamá, Jurunas, nos limites da primeira légua patrimonial da cidade e posteriormente bairros como Bengui, Tapanã e Coqueiro, no entorno da rodovia Augusto Montenegro e limites do município na chamada segunda légua patrimonial.

Essa prática de ocupação gerou o adensamento populacional nos distritos menos abastados da cidade, acentuado o cenário historicamente precarizado destes bairros, onde se pode notar o desamparo da população por parte do poder público, ou talvez sua ineficiência em atender as demandas emergentes destes locais.

Segundo Cardoso, podemos apontar os assentamentos precários como:

Sendo este definido como todas as áreas que apresentam: precarização de infraestrutura (saneamento – água, esgoto, coleta e tratamento do lixo), no sistema de transporte coletivo, nas condições de habitabilidade; ocupação por segmentos de trabalhadores, majoritariamente, com renda entre zero e três salários mínimos; não tenham sido objeto de regularização fundiária (2009, p. 56-57).

Complementando ainda;

[...] prevalecem nos assentamentos precários, em sua maioria, imóveis de madeira sem acabamento, cujo estado de conservação é péssimo, além de imóveis de alvenaria inacabados. O contato com a água, a não utilização de técnicas ou materiais de preservação e a qualidade da madeira são fatores que contribuem para o comprometimento das estruturas e em algumas com risco de desabamento [...] (2009, p. 70).

Identifica-se no ano de 2009, um total de 147 destas poligonais em Belém, com maior precariedade. Cardoso aponta que 39,8% das moradias localizadas em áreas de assentamento precário apresentam padrão construtivo em madeira, e que menos da metade das residências será construída total ou parcialmente em alvenaria, ou seja, 40,5% das casas.

O plano municipal de habitação de interesse social (PMHIS) aponta que é comum aos habitantes destas áreas a baixa renda, onde estão inseridos 85,13% dos domicílios da cidade, com renda de 0 a 3 salários mínimos. Correspondentes a 1.056.420 pessoas economicamente ativas, ou seja, 88,91% dos habitantes da cidade de Belém³⁶.

Os dados assinalados remontam a dialética da segregação vivida pela população trabalhadora na metrópole e como esta lógica vem corroborando para a divisão entre classes marcada pelas circunscrições da grande Belém.

3 – Belém frente à reprodução da segregação

Esta expressão da “questão social” vivida pela população de Belém tem seus maiores contrastes em cenários bipartidos. Onde uma parcela tem acesso e compartilha da melhoria de habitação ao receber equipamentos básicos e obras de infraestrutura de grande porte com outras áreas adjacentes a essas, sem nenhum tipo sequer de apoio ou benfeitoria.

É crível admitir deste modo que as condições gerais do entorno da moradia, como pavimentação asfáltica, saneamento e iluminação pública são tão importantes quanto o acesso à habitação. Ou seja, os serviços básicos partilhados entre os assentamentos precários em Belém requerem, ou deveriam requerer, da mesma atenção vivida nos bairros centrais da cidade, particularidade tal, que não é coexistência exclusiva de Belém.

Este panorama remonta a dinâmica de urbanização desigual vivida pela cidade desde a década de 1980, aprofunda os efeitos da segregação socioespacial,

³⁶ Dados Censo Demográfico IBGE 2010

culminando no adensamento populacional das classes menos abastadas nos bairros periféricos da cidade. Tornando mais distante o acesso e o exercício do Direito à Cidade em Belém.

Este painel ratifica a insuficiência ou ineficiência do poder público em sanar as demandas dessas áreas. Assim, as desigualdades advindas dessa relação entre sociedade, capital e poder público, configurada pela fidelização de espaços específicos nesta metrópole para um estrato social em detrimento de outro, enraíza e robustece as desigualdades sociais no âmbito urbano.

Este amplo processo de reprodução da segregação sócioespacial vivido em Belém tem ampliado o abismo do convívio entre as classes sociais, onde, ainda que coexistam em total sincronia, permanecem governadas tão somente a seus afazeres habituais.

4 – Considerações finais

Belém enquanto tabuleiro para as vicissitudes fetichistas do capital e da elite tem reforçado e aprofundado as desigualdades sociais em seu espaço urbano. Este contexto gera e ressalta o processo de segregação socioespacial vivido na metrópole amazônica.

Esta dinâmica do capital que garante a reprodução da segregação socioespacial em Belém exclui uma parcela significativa da população do seu elementar direito a cidade. De tal forma que não socializa os serviços e aparelhos públicos a esta camada social.

Este cenário pintado em infaustos tons de cinza na cidade das mangueiras transfigura os limites da segregação em 'fronteiras' sociais. Onde a classe menos abastada é bruta e convidada a não partilhar dos espaços e condições inerentes ao hábito de morar.

Processo este que historicamente tem dividido as populações mundo a fora, seja por cotas raciais, seja por gênero ou como atestado em Belém por condição financeira.

5 – Referências bibliográficas:

BELÉM, Prefeitura Municipal; Secretaria Municipal de Habitação. **Plano Municipal de Habitação de Interesse Social – PMHIS**. Belém: 2012.

CARDOSO, Welson de Sousa. **Adensamento Sócioespacial nos assentamentos precários em Belém/PA**: indicadores sócioespaciais urbanos. Belém. Universidade Federal do Pará – Dissertação de Mestrado, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo. Centauro, 2001.

PINHEIRO, Andréa de Cássia Lopes. **Aglomerados Subnormais em Belém: Risco e Vulnerabilidade Socioambiental**. Belém. Universidade Federal do Pará – Dissertação de Mestrado, 2015.

“III JORNADA BENEDITO NUNES”**GRUPO CULTURA****FILOSOFIA E LITERATURA: O TEMPO NA NARRATIVA, DE BENEDITO NUNES E A PROSA FICCIONAL DE INGLÊS DE SOUSA**Messias Lisboa Gonçalves³⁷Antônio Máximo Ferraz³⁸**RESUMO**

O pensador Benedito Nunes (1988) é autor do famoso livro, *O tempo na narrativa*, que destaca a existência de um tempo plural. Assim, observamos a noção de tempo qualitativo em dois romances ambientados na Amazônia oitocentista do autor paraense Inglês de Sousa, *O Cacaulista* (1876) e *O Coronel Sangrado* (1877). Sendo assim, realizando um diálogo com o estudo de Benedito Nunes (1988), o objetivo deste ensaio é pesquisar a questão do tempo nesses romances. Ademais, nosso estudo limita-se à reflexão do personagem Miguel Faria que se destaca por sua relação com o tempo, tendendo ao futuro, mas sempre tecendo conexões com o passado e o presente.

PALAVRAS-CHAVE: Benedito Nunes; Inglês de Souza; Tempo.

O pensador Benedito Nunes é autor do famoso livro, *O tempo na narrativa*, que destaca a existência de um tempo plural. Assim, dialogando com esse livro do autor observamos a noção de tempo qualitativo em dois romances ambientados na Amazônia oitocentista do autor paraense Inglês de Sousa, *O Cacaulista* (1876) e *O Coronel Sangrado* (1877). Sendo assim, realizando um diálogo com Benedito Nunes, o objetivo deste estudo é pesquisar a questão do tempo nesses romances. Ademais, nosso estudo limita-se à reflexão do personagem Miguel Faria que se destaca por sua relação com o tempo, tendendo ao futuro, mas sempre tecendo conexões com o passado e o presente. De acordo com Benedito Nunes, “a ideia de tempo é conceitualmente múltíplice; o tempo é plural em vez de singular”³⁹. A partir desse ponto de vista, cabe neste estudo um conceito de tempo que se opõe ao tempo controlado pelo relógio, o que possibilita

³⁷ Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar Kairós – Estudos de Poética e Filosofia (NIK/UFPA). *E-mail:* meslisboa@gmail.com

³⁸ Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Adjunto do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma Universidade. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar Kairós – Estudos de Poética e Filosofia (NIK/UFPA). *E-mail:* maximoferraz@gmail.com

³⁹ NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988, p. 23.

perceber o tempo enquanto questão. Compreendemos que o tempo presente é a rememoração do passado, estes estão permeados um no outro, são indivisíveis, então, o tempo presente já é memória. Assim como Santo Agostinho, Benedito Nunes também se perguntou o que é o tempo: “por conseguinte, o que é o tempo?”⁴⁰ O tempo, por ser uma questão, continua em aberto, e o homem não cessou de se interrogar a respeito do tempo. Contudo, sabemos que o passado nos ampara de um lado e o futuro de outro, e a existência de um não anula a existência do outro. Assim, o vasto campo de pensamento a respeito do tempo, que vem sendo construído ao longo da história da Filosofia com os primeiros pensadores gregos, e por nós aqui tratado de forma breve, busca estudar o tempo e, contraditoriamente de forma circular volta ao ponto de partida com mais interrogações a respeito do tempo, tal busca pelo entendimento do tempo, termina por ser algo paradoxal. Com efeito, Benedito Nunes menciona que “o paradoxo é a sorte lógica do pensamento quando se ocupa do tempo [...]”⁴¹. De todo modo, o nosso esforço de tecer uma reflexão a respeito do tempo lança nova luz sobre a obra ficcional de Inglês de Sousa, que se encontra, até então, obscurecida pela pouca valorização do literário⁴² e da sua poética. Benedito Nunes nos alerta que, “lidar com o tempo significa que já estamos com a sua presença antecipada na distribuição das tarefas cotidianas. E contar com essa presença antecipada, [...] também significa, perdoe-nos o inevitável trocadilho, que *sempre o estamos contando ou medindo*.”⁴³ O homem guiado por um pensamento errôneo fragmenta e mede o tempo, e as três dimensões passado, presente e futuro, são representadas sem qualquer relação uma com a outra, mas no diálogo poético que propomos nesse estudo, Miguel Faria não se ver livre do passado nem tão pouco consegue desconectar o passado do tempo presente, visto que a sua memória o faz sempre sentir o Miguel de outrora. De acordo com Angela Guida, “passado, presente e futuro não possuem marcas e medidas “cerdizinhas”. Eles podem se diluir e formar um só tempo que se abre a muitas

⁴⁰ NUNES, Benedito. Op. cit., p. 15.

⁴¹ NUNES, Benedito. Op. cit., p. 78.

⁴² O que é ficção? Distingamos logo: embora todo literário seja ficcional, nem toda “ficção” é literária. Para melhor compreender esse truísmo é que se faz necessário tematizar o âmbito da ficção.

O literário é uma realidade ficcional. Ficção é derivado do verbo latino *fingere* . Este verbo apresenta quatro acepções inter-relacionadas: formar; educar; imaginar; fingir ou dissimular. As duas últimas significações, imaginar e fingir, de imediato, parecem ser as que melhor traduzem o que se entende normal e correntemente por ficção, embora o fingir provoque relutância. No entanto, só a reunião das quatro acepções pode configurar e apreender adequadamente a ficção literária. Cf. CASTRO, Manuel Antônio de. Ficção e literatura infantil. In: _____. *Tempos de Metamorfose* . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994, p. 134.

⁴³ NUNES, Benedito. Op. cit., p. 17, grifo do autor.

dimensões. No espaço da memória o tempo não fica confinado a um eterno passado, como acredita o senso comum⁴⁴. Assim, as três dimensões do tempo diluem-se e formam um único tempo em Miguel, um tempo com sentido que aponta significados na vida do humano Miguel que passará a escutar e compreender a si mesmo. Aprofundando o diálogo com Angela Guida, destacamos que segundo a autora tanto a lembrança quanto a recordação podem nos lançar em outras dimensões temporais, na dimensão temporal do autodiálogo. Diante disso, as recordações de Miguel surgem e se contrastam com o presente, pois agora Rita mostra-se deslumbrada com o Moreira, e os sentimentos de Miguel estão ligados as recordações que o fazem recordar da convivência feliz que tivera ao lado de Rita. Miguel não compreende as situações do presente, o que o nosso personagem irá perceber é que precisará compreender a si mesmo, caminhar sozinho pelo silêncio para escutar-se. O narrador nos mostra que, “Miguel custava a familiarizar-se com a idéia da preferência que dava a Rita ao Moreira; o rapaz ora acreditava nela, ora lhe parecia impossível que *a afilhada do tenente renegasse assim as afeições da sua infância*”⁴⁵. Diante do casamento iminente de Rita com o Moreira, Miguel aconchega-se no passado para não deixar apagar a chama da esperança de unir-se amorosamente com a jovem que desde muito cedo acendeu o amor em sua alma, mas o oficial Moreira apresenta-se diante de Miguel como a materialização do empecilho para a realização do seu sonho: “para ele o jovem oficial era um intruso, um estrangeiro, que aparecia quando menos se esperava para perturbar a felicidade de um filho da terra; a sua qualidade de estranho a Óbidos [...] e sobretudo o amor que diziam dedicar-lhe a Rita, [...] Miguel não deixava de pensar nisto [...]”⁴⁶. Assim sendo, o hóspede do Ribeiro, alferes Pedro Moreira Bentes, chamado por todos de seu/senhor Moreira, é um genro que se encaixa no gosto do tenente Ribeiro e também é considerado por Rita como um excelente partido. Com isso, Miguel tem o presente diluído pelo passado, o rapaz pensa nos conselhos que recebeu do tio Fernandes de ir esclarecer a situação com Rita, que dizia antigamente que se casaria com Miguel, mas o que poderia a moça agora dizer ao filho de D. Ana, depois que conheceu o senhor Moreira? “Afinal aquela dúvida contínua tornou-se insuportável. O rapaz afagava a idéia de que se falasse a Rita, esta não poderia deixar de explicar-lhe tudo, e de dar-lhe as maiores seguranças para o futuro”⁴⁷. No entanto, as esperanças

⁴⁴ GUIDA, Angela. *A poética do tempo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2013, p. 48.

⁴⁵ SOUSA, Inglês de. *O Cacaquista* (Cenas da Vida do Amazonas). 2. ed. Belém: EDUFPA, 2004, p. 97, grifo nosso.

⁴⁶ SOUSA, Inglês de. Op. cit., p. 97.

⁴⁷ SOUSA, Inglês de. Op. cit., p. 97.

de Miguel não sobreviveram, pois a notícia do casamento causou uma imensa agitação no coração de Miguel. Durante a tarde, sabendo que o pai de Rita havia saído, foi até a casa de Rita e percebeu que a jovem estava feliz com o casamento, “Miguel muito dificilmente conteve-se. Estava pálido, um suor frio banhava-lhe a fronte, e as pernas tremiam-lhe [...]”⁴⁸. O garoto foi embora sem se despedir, saiu em disparada pelo cacauá, porque amava a filha do tenente. Diante da tensão narrativa, diz o narrador: “é impossível dizer o que se passava no ânimo do moço. O ciúme, o despeito, a cólera dominavam-no [...] o rapaz sofria realmente com a deslealdade da Rita... apesar de tudo ele amava-a [...]”⁴⁹. Outrossim, na cidade de Óbidos as pessoas se dirigiam para a igreja de Sant’Ana, a cidade tinha o ar de pequenas povoações em dia de festa, o acontecimento era o casamento de Rita com o alferes Moreira. No dia seguinte ao casamento de Rita, Miguel durante a noite em Óbidos de maneira secreta e repentina decidiu abandonar Óbidos e Paraná-miri, a sua decisão inesperada foi uma forma de tentar esquecer as desilusões que fragilizaram as suas forças, almejava construir uma nova vida na capital do Pará, então, embarcou no vapor Ligeiro, e o comandante veio-lhe ao encontro: “– Muito bem, meu amigo – disse-lhe o velho marinheiro – mostrou agora que é um homem, e cedo hão de eles conhecer que você vale mais do que todos os Moreiras do mundo. [...] Tenha coragem, não desanime, que *espero v-lo em breve de volta a bidos*. Então será a sua vez”⁵⁰. Na conversa travada entre o Miguel e o comandante, percebemos o anúncio de um tempo futuro, o retorno de Miguel  bidos. O nosso personagem-questão segue sozinho com destino  Belém ou, para usar a expressão de Gilvan Fogel, por ser necessário “ensozinhar-se”⁵¹ para encontrar a si mesmo, na travessia do humano o personagem busca a sua singularidade e sentido. O personagem-questão Miguel migra do romance *O Cacaulesta* para *O Coronel Sangrado* e aprofunda o diálogo com a questão tempo e memória, e no ininterrupto diálogo com essas questões, Miguel rompe com a clássica divisão do tempo. Destacamos que o narrador de Miguel manifesta pensamentos fortemente marcados por evidências que colocam o nosso personagem no espaço da não linearidade do tempo, logo, o humano Miguel nos é demasiado enriquecedor para pensarmos o tempo enquanto questão, fora dos domínios da tradio metafísica. Como já mencionado não cabe neste estudo definir o tempo. Assim, voltamos à pergunta feita no início do presente trabalho: “o que é, pois, o tempo?”.

⁴⁸ SOUSA, Inglês de. Op. cit., p. 169.

⁴⁹ SOUSA, Inglês de. Op. cit., p. 170.

⁵⁰ SOUSA, Inglês de. Op. cit., p. 184, grifo nosso.

⁵¹ FOGEL, Gilvan. *Sentir, ver, dizer*: cismando coisas de arte e de filosofia. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012, p. 144.

Referências

CASTRO, Manuel Antônio de. Ficção e literatura infantil. In: _____. *Tempos de Metamorfose*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

FOGEL, Gilvan. *Sentir, ver, dizer: cismando coisas de arte e de filosofia*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

GUIDA, Angela. *A poética do tempo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2013.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SOUSA, Inglês de. *O Coronel Sangrado (Cenas da Vida do Amazonas)*. Belém: EDUFPA, 2003.

_____. *O Cacaulista (Cenas da Vida do Amazonas)*. 2. ed. Belém: EDUFPA, 2004.

III Jornada Benedito Nunes

Grupo Cultura

O PROCESSO ÉTICO - LIBERTADOR DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL

RESUMO EXPANDIDO

Benedito da Conceição Monteiro neto⁵²

Higor Vinicius Pegado⁵³

RESUMO

O resumo tem como enfoque fazer um diálogo entre a ética da libertação do filósofo Enrique Dussel e a epistemologias do sul do Sociólogo Boaventura de Sousa Santos. A necessidade dos países periféricos e colonizados da América do sul ganharem sua importância e autonomia para um pensamento crítico-filosófico pensado a partir de si, condizente com a sua realidade. Uma crítica ao universalismo moderno, a uma sociologia criadora de ausências, a razão indolente e a monocultura do saber a rigor, onde o único conhecimento válido é o científico, um pensamento excludente aos conhecimentos.

Palavras Chaves: Epistemologias Do Sul; Ética Da Libertação; Filosofia Da Libertação.

INTRODUÇÃO

Diante do problema da exclusão e negação das minorias (periferias do mundo), dentre todas as vertentes exclusivas, o enfoque deste texto são as exclusões do outro e sua cultura, a morte dos conhecimentos de países e populações periféricas(o Sul). O desafio de pensar as ciências, saberes e práticas sociais fora dos centros hegemônicos com pensamentos totalizantes, onde suas teorias pensaram/pensam, determinaram/determinam e excluem as outras fontes inesgotáveis de saberes de toda comunidade que não se encaixam em suas normas. Estas teorias que por muitas vezes não são condizentes com as realidades periféricas, desse modo, parte-se então para o ganho de uma autonomia através da ética da libertação proposta por Dussel (1995), daqueles que são invisibilizados pelos sistemas hegemônicos dominadores, uma liberdade construída a partir da periferia, a partir dos não não-seres, dos povos

52 Graduado em Filosofia pela Universidade Do Estado do Pará.

Email: Beneditomonteironeto@hotmail.com

53 Graduado em Filosofia pela Universidade Do Estado do Pará. Email: Higor.pegado@gmail.com

oprimidos e marginalizados, daqueles que sofrem, fugindo da visão dicotômica da ciência positivista em que cultura é independente de ciência e da visão dualista da compreensão do ser humano, corpo e mente.

Em todos os campos científicos, com o seu rigor e métodos rigorosos, um “crivo” que é posto pela comunidade científica que separa e determina o que se pode ter como verdadeiro e existente (uma afirmação da vida e de uma cultura) e o que se é descartável (negação e exclusão), uma crítica feita por Boaventura de Sousa Santos (2007) como uma razão indolente (classificada pelo autor como razão preguiçosa, excludente e que se considera como única, afrente das demais, não dando voz as particularidades), que se manifesta de duas formas, através da razão metonímica e razão proléptica. A primeira entende-se como algo que toma a parte pelo todo, a ideia de totalidade (provindo das hegemonias) e o que não se encaixa na totalidade é tido como desinteressante, uma razão que contrai e diminui o presente, uma visão dicotômica de mundo, deixando muitas realidades de fora, desperdiçando, assim, muitas experiências, invisibilizando-as. A segunda parte da ideia de que é possível ter a noção da história futura no presente, em prol de um progresso e desenvolvimento, que segundo o autor, são bases dos cinco meios de produção de ausências, através do pensamento subjetivista Europeu em que elege sua cultura como a melhor e superior, única e originária, ação primária da opressão e exclusão dos povos conquistados, causando juntamente o “Epistemicídio” (a morte do conhecimento), que ocorre de acordo com Boaventura, através das Monoculturas hegemônicas, que acontece de diferentes formas e níveis. (SANTOS, 2007)

OBJETIVOS

Analisar como Enrique Dussel e Boaventura de Sousa Santos contribuem na crítica ao pensamento científico e filosófico moderno e para a construção de indicadores éticos e epistemológicos de libertação da população da América-Latina.

METODOLOGIA

O trabalho aqui desenvolvido é de caráter bibliográfico e analítico, levantando informações e dados através de um compilado de textos por meio dos livros, teses e artigos sobre dois principais eixos temáticos: a Filosofia da libertação de Enrique Dussel e a abordagem epistemológica de Boaventura de Sousa Santos, como instrumentos de libertação e emancipação do mundo prático social das comunidades oprimidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado, esta trabalho demonstra o quão necessário é a reflexão sobre as políticas excludentes, e o quanto essas políticas (que vem se perpetuando desde o surgimento da modernidade até os dias de hoje, com a globalização.) são responsáveis pelo meio de produção de conhecimento ou pela negação dos mesmos.

Baseada nas obras de Boaventura de Sousa Santos e Enrique Dussel, obtêm-se críticas, teorias, propostas e soluções contrárias as exclusões e invisibilizações de toda uma cultura e história de pessoas que sofrem com seus corpos violentados, seus recursos naturais explorados em nome de uma ciência que se afirma neutra que de forma desenfreada visa o lucro.

O texto alcança, assim, os objetivos propostos. De ciências libertas/libertadoras para os sujeitos que encontram-se às margens do mundo. Um exercício importante para as universidades repensarem seus métodos e suas práticas de aceitação e afirmação, visando contribuir de forma direta, através de cientistas politizados, comprometidos com causas políticas, em favor da vida, para uma sociedade mais justa, onde todos tenham sua devida importância, e suas vozes sejam ouvidas, com a finalidade de uma ciência mais humana, que possibilite um dialogo entre as inúmeras fontes de saberes e experiências existentes no sul e as ciências hegemônicas.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique, 1943- **Filosofia da Libertação**: Crítica à ideologia da exclusão – São Paulo: Paulus, 1995

DUSSEL, Enrique – **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão** – Petrópolis, RJ: vozes, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa, 1940- **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social** - São Paulo: Boitempo, 2007.
, 2007.

III JORNADA BENEDITO NUNES GRUPO CULTURA

AMAZÔNIA INDÍGENA: A FLORESTA COMO SUJEITO

Patrick Pardini⁵⁴

Resumo

Graças à Antropologia, sabemos que as sociedades indígenas da Amazônia conferem dignidade de pessoa ou *sujeito* aos não-humanos: plantas, animais, artefatos, fenômenos naturais, acidentes geográficos... A relação entre sujeitos (simétrica, dialógica, de troca e reciprocidade) é uma *relação ética* e também *poética*. Ao promover uma sociabilidade generalizada entre sujeitos humanos e não humanos, ela realiza o total domínio da Cultura sobre a Natureza. Por outro lado, o que prevalece na civilização ocidental é a relação sujeito-objeto (assimétrica, autoritária, de poder e dominação), da qual se origina a Natureza-objeto, separada do Homem-sujeito, único detentor de Cultura. Ora, “o outro como objeto” é a negação do outro e a negação da ética. O que está em questão é a *alteridade radical* dos modos de ser e pensar indígenas com relação ao Ocidente. Essa “alteridade indígena” tem, para nós, valor de *tesouro e sabedoria*.

Palavras-chave

Sujeitos não humanos. Relação ética e poética. Alteridade indígena. Sabedoria amazônica.

Se nos dispusermos à recepção não preconceituosa da psique indígena, e de tudo o que ela representa neste momento de crise dos valores ditos modernos, estaremos trabalhando para introduzir em nossa consciência de hoje a *alteridade radical*, uma lógica que nos é desconhecida, uma estética nova, uma espiritualidade que não conhecemos, uma percepção, uma sensibilidade, um modo de ser que ignoramos. Esta é a grande tarefa utópica para o século XXI brasileiro.

Roberto Gambini⁵⁵

No decorrer dos últimos 35 anos, aproximadamente, a Ciência fez uma série de descobertas fundamentais relativas à Amazônia, no campo da Antropologia e da Arqueologia. Surgiram novos objetos teóricos, como as “matas culturais” e os “solos antropogênicos”, que soterraram de vez o mito da “floresta virgem”. Avançou-se consideravelmente na compreensão das ecologias praticadas pelas sociedades indígenas contemporâneas, das suas filosofias e cosmologias. O “tempo arqueológico” de longa duração veio completar este quadro, introduzindo nele a profundidade e grandiosidade da dimensão temporal. O que importa, hoje, não é a extensão e a excelência do nosso saber sobre o outro, mas a revelação de um saber *radicalmente*

⁵⁴ Graduando em Letras. Museu da UFPA/Coordenador de Acervo e Documentação. E-mail: pardini@ufpa.br.

⁵⁵ Gambini, 2000, p. 26.

outro e o reconhecimento, pela sociedade brasileira, desta “alteridade indígena”, do seu *valor*.

O que houve na Amazônia, durante toda a sua longa pré-história, não foi a clássica “antropização dos espaços naturais”, a Cultura suplantando a Natureza de modo violento e irreversível, com base na pura e simples *negação da floresta* (cf. Quadro abaixo). O que houve foi o aparecimento e a disseminação de uma autêntica “cultura da floresta”⁵⁶, isto é, a transformação cultural da floresta, *sem que ela deixe de ser floresta*. Isto aconteceu porque, nas sociedades indígenas da planície amazônica, não impera a relação sujeito-objeto, antropocêntrica, de poder e dominação⁵⁷, mas a relação entre sujeitos, *humanos e não humanos*, baseada na troca e na reciprocidade.

De fato, sabe-se que essas sociedades conferem aos animais e às plantas os caracteres subjetivos da pessoa humana: consciência de si, motivações, afetos, capacidade comunicativa e sociabilidade e, com eles, estabelecem relações de pessoa para pessoa. Nas cosmologias ameríndias, observa o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro,

os humanos não têm o monopólio da posição de agente e sujeito; o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos. [...] As relações entre uma sociedade indígena e os componentes de seu ambiente são pensadas e vividas como relações sociais, isto é, relações entre pessoas, ou ainda, como uma comunicação entre sujeitos que se interconstituem no ato e pelo ato da troca – troca que pode ser violenta e mortal, mas que não pode deixar de ser social⁵⁸.

Mesmo sendo cultivada e manejada pelos indígenas há pelo menos 9000 anos, a floresta amazônica mantém sua *autonomia de sujeito* – sujeito da sua própria renovação/reprodução/perpetuação. Sendo sujeito (termo de uma relação ética), é ela quem ensina aos homens as boas práticas ecológicas, batizadas hoje de “sustentáveis”.

As práticas ecológicas indígenas fazem aumentar, ao invés de reduzir, a biodiversidade florestal; elas tendem a modificar sutilmente os ecossistemas amazônicos, gerando ecologias induzidas e localizadas, ilhas de recursos cuja diversidade biológica é manejada e modelada em benefício das gerações presentes e futuras. O destino a longo prazo de uma plantação aparentemente abandonada é tornar-se outra. Os vestígios mais evidentes de cultivo humano se extinguiram, e o que resta

⁵⁶ Tomo por empréstimo a expressão do jornalista Lúcio Flávio Pinto, que a utiliza num sentido propositivo e prospectivo: *a cultura da floresta* como “projeto” ou “utopia” contra todas as formas de desflorestamento na Amazônia, e como “última possibilidade de civilização florestal na história do gênero humano” (Pinto, 2006).

⁵⁷ Essa mesma *relação sujeito-objeto*, fundamento da Representação, matriz da Natureza e do Antropocentrismo ocidentais, está na origem da Ciência, da Técnica e da Estética ocidentais modernas. Cf. Heidegger, 1962.

⁵⁸ Viveiros de Castro, 2005, p. 123, 126-127.

hoje é uma porção de floresta mais rica e biodiversa, caracterizada pela “alta frequência” de espécies florestais úteis aos humanos (como a pupunheira, o pequiá, a bacaba, a copaíba), sinais remanescentes de antigo cultivo ou manejo florestal, ou seja, indicadores de uma “mata cultural”. Os castanhais da região de Marabá, por exemplo, são considerados hoje uma mata cultural, ou “floresta antropogênica”.

O arqueólogo Marcos Magalhães propôs recentemente a ideia de uma “Amazônia antropogênica”, isto é, de uma Amazônia que é, a um só tempo e indissociavelmente, Cultura e Natureza. Antropogênico, aqui, não significa simplesmente “gerado pelo homem”, mas designa *o natural que passou pelo cultural*:

Na Amazônia, temos ambientes que ao longo de muitos séculos passaram por tantas interferências antrópicas que as espécies que neles predominam e florescem *naturalmente* são aquelas selecionadas *culturalmente* e não as nativas que um dia lá existiram. Isto é, são [ambientes] *naturais* porque, apesar de serem florestas antrópicas, compostas por espécies culturalmente selecionadas, as espécies dominantes não precisam mais do homem, pois são autônomas, por se terem tornado *antropogênicas*⁵⁹.

A Amazônia indígena não foi simplesmente “antropizada”, numa relação de mão única, entre sujeito e objeto. Nela, diz Magalhães, “os ambientes antropizados [culturais, cultivados] *tornaram-se antropogênicos*” [naturais, autônomos], numa relação de mão dupla, recíproca e reversível, ou seja, numa relação entre dois sujeitos (homem e floresta), na qual “a ação de um não anula a do outro”⁶⁰. A natureza amazônica incorporou e assumiu *como sua* a seleção cultural das espécies florestais. Marcos Magalhães chega a dizer, dos antigos ambientes antropizados, que eles se tornaram, legitimamente, “mata primária”!

Para os Yanomami, a floresta é inseparável da terra sobre a qual se estende, chamada por eles de “pele da floresta”. A “terra-floresta” dos Yanomami (*urihi a*) é uma entidade viva, animada, segundo o antropólogo Bruce Albert, por “uma complexa dinâmica de trocas, conflitos e transformações entre as diversas categorias de existentes que a povoam, sujeitos humanos e não humanos, visíveis e invisíveis”⁶¹. Assim fala o xamã yanomami Davi Kopenawa:

A floresta está viva, é daí que vem sua beleza. É ela que nos anima. Está bem viva. Os brancos talvez não ouçam seus lamentos, mas ela sente dor, como os humanos. Suas grandes árvores gemem quando caem e ela chora de sofrimento quando é queimada. [...] A floresta tem um sopro de vida muito longo. É a sua respiração. O sopro dos humanos, ao contrário, é muito breve. Vivemos pouco tempo e morremos depressa. Já a floresta, se não for destruída sem razão, não

⁵⁹ Magalhães, 2016, p. 386; grifos meus.

⁶⁰ Idem, p. 43.

⁶¹ Albert & Kopenawa, 2003, p. 46.

morre nunca. Não é como o corpo dos humanos. Ela não apodrece para depois desaparecer. Sempre se renova. É graças à sua respiração que as plantas que nos alimentam podem crescer. A floresta tem coração e respira, mas os brancos não percebem. Não acham que ela esteja viva. [...] É nossa floresta que cria desde sempre os animais e peixes que comemos. Ela alimenta seus filhotes e os faz crescer com os frutos de suas árvores⁶².

A esta *floresta-sujeito* dos Yanomami (termo de uma relação ética e poética) contrapõe-se a visão ocidental da floresta como “natureza”, “meio ambiente” ou “paisagem”, isto é, sempre *objeto* do nosso olhar estético-cultural, das nossas representações artísticas, do nosso conhecimento científico ou das nossas leis de proteção.

A eco-cosmologia das sociedades da floresta, com suas infinitas versões e variações, constitui uma sofisticada criação cultural (material e simbólica) e compõe um “sistema” tão grandioso, complexo e diverso quanto a própria floresta amazônica. Para nós, ela tem valor de *sabedoria*. A falência do homem ocidental, do modo ocidental de relacionar-se com o outro, humano ou não humano – uma relação entre sujeito e objeto, violenta, autoritária, de dominação –, exige uma *alternativa radical*.

Quadro. A *alteridade radical* dos modos de ser e pensar ameríndios* com relação à civilização ocidental, nas esferas ética, ecológica e cosmológica. Modos e valores predominantes.

MODOS E VALORES AMERÍNDIOS	MODOS E VALORES DO OCIDENTE
Relação entre mim e o outro (humano ou não humano).	
<p style="text-align: center;">Relação sujeito-sujeito (simetria, reciprocidade, troca, reversibilidade). Ao abarcar humanos e não-humanos, estabelece o domínio universal da Cultura.</p> <p style="text-align: center;">Cosmocentrismo e pluralismo cosmológico (admite uma pluralidade de sujeitos não humanos: plantas, animais, artefatos, espíritos...).</p> <p style="text-align: center;">“Produção” de sujeitos e subjetividades.</p>	<p style="text-align: center;">Relação sujeito-objeto (assimetria, poder, dominação, representação). Cria a Natureza-objeto, separada do Homem-sujeito, único detentor de Cultura.</p> <p style="text-align: center;">Antropocentrismo (egocentrismo, etnocentrismo, eurocentrismo, falocentrismo...).</p> <p style="text-align: center;">Produção de objetos, mercadorias.</p>

⁶² Kopenawa & Albert, 2015, p.468-479.

<p>O outro é um “eu” (um sujeito, um rosto, um olhar, uma fala, um pensamento, um ponto de vista).</p> <p>Relação ética e poética.</p>	<p>Negação do outro: violência física e simbólica, racismo, escravismo, homofobia, xenofobia, feminicídio, etnocídio, genocídio.</p> <p>Negação da ética.</p>
<p>Cultura da floresta – mata cultural, floresta-pomar, floresta-jardim (a floresta que é jardim, sem deixar de ser floresta).</p> <p>Aumento da biodiversidade.</p> <p>Amazônia antropogênica.</p> <p>A floresta como <i>sujeito</i>.</p>	<p>Negação da floresta – sua conversão em madeira, celulose, carvão, pasto, monocultura, mineração, rodovia, ferrovia, cidade.</p> <p>Perda da biodiversidade.</p> <p>Amazônia antropizada**.</p> <p>A floresta como “natureza”, “meio ambiente” ou “paisagem” (<i>objeto</i> do nosso olhar estético- cultural, das nossas representações artísticas, do nosso conhecimento científico, das nossas leis de proteção).</p>

Autores de referência: Descola, Gambini, Magalhães, Pinto, Tible, Tiburi, Viveiros de Castro.

* das “culturas da floresta tropical”, em oposição às “altas culturas andinas”, de acordo com Pierre Clastres (2003). ** no sentido geográfico das “áreas antropizadas” (rodovias, ferrovias, pastos, fazendas, zonas urbanas), *onde antes havia floresta*.

Essa alternativa, o Brasil a possui em grau de excelência: é um dos seus maiores tesouros. Tesouro *nativo*, vilipendiado desde o princípio, quando o Ocidente se estendeu para cá com violência surda e cega, com base na total negação do outro, contra a alma e o corpo indígenas. Tesouro da sabedoria ameríndia: *o não-humano como sujeito – uma relação ética e poética com o outro*. Hoje, o Ocidente falido, espalhando a catástrofe planetária, “reinventa” as sabedorias ancestrais por ele negadas, criando “novas” práticas e “novos” conceitos: sustentabilidade, agroecologia, agrofloresta, permacultura, agricultura sintrópica, ecologia profunda, teoria de Gaia... Não há como negar a “contemporaneidade absoluta”⁶³ dos povos originários – para usar a fórmula certa de Eduardo Viveiros de Castro. De fato, os povos originários, povos da floresta, com sua sabedoria milenar, sua sabedoria amazônica, florestal, sua *cultura da floresta*, são cada vez mais atuais e “contemporâneos”, cada vez mais na ordem do dia do planeta e da humanidade.

⁶³ Kopenawa & Albert, 2015, p. 34.

Assim se expressava o antropólogo Claude Lévi-Strauss em 1993, referindo-se a Davi Kopenawa: “É emblemático que caiba a um dos últimos porta-vozes de uma sociedade em vias de extinção, como tantas outras, por nossa causa, enunciar os princípios de uma sabedoria da qual também depende – e somos ainda muito poucos a compreendê-lo – nossa própria sobrevivência”⁶⁴.

Post-scriptum

No Brasil, as culturas indígenas, que resistiram e sobreviveram ao genocídio, são culturas de resistência – como as culturas de matriz africana, suas irmãs gêmeas. Resistindo e se mantendo vivas em território próprio, elas mantêm viva a sua *alteridade radical* com relação ao Ocidente (ao Estado, ao Capital): algo inaceitável para o pensamento autoritário. Por isso, continua em vigor a lógica do genocídio, cujo meio e fim é a tomada das terras indígenas⁶⁵.

Referências

- ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. *Yanomami, l'esprit de la forêt*. Paris: Fondation Cartier pour l'art contemporain; Arles: Editions Actes Sud, 2003.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado – pesquisa de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- DESCOLA, Philippe. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.
- GAMBINI, Roberto. *Espelho índio – a formação da alma brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. L'époque des conceptions du monde; L'origine de l'oeuvre d'art, in: *Chemins qui ne mènent nulle part*. Trad. Wolfgang Brokmeier. Paris: Gallimard, 1962 (Col. Tel 100).
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu – palavras de um xamã yanomami*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MAGALHÃES, Marcos P. (org.). *Amazônia antropogênica*. Belém: MPEG, 2016.
- PINTO, Lúcio Flávio. Como ser amazônida: a cultura da floresta. *Jornal Pessoal*, 1ª quin. agosto 2006, p. 6-8.
- TIBLE, Jean. *Marx selvagem*. São Paulo: Annablume, 2013.
- TIBURI, Marcia. *Como conversar com um fascista – reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O perspectivismo ameríndio ou a natureza em pessoa. *Ciência & Ambiente* n. 31, jul.-dez. 2005, p. 123-132.

⁶⁴ Kopenawa & Albert, 2015, p. 5.

⁶⁵ Em *Como conversar com um fascista*, a filósofa Marcia Tiburi faz a defesa e ilustração da alteridade no Brasil de hoje. Os capítulos finais são dedicados aos povos nativos, à alteridade indígena e ao genocídio em curso. A questão fundamental, que atravessa o livro, é o tipo de relações que estabelecemos com o outro: relações sujeito-sujeito (éticas, políticas, democráticas, dialógicas, amorosas) ou relações sujeito-objeto (antiéticas, antipolíticas, autoritárias, violentas, fascistas). O projeto e a quintessência do pensamento autoritário são assim definidos: “A morte do outro – o outro não existe e se existe deve ser eliminado” (Tiburi, 2016, p. 40 e 159).

III Jornada Benedito Nunes Grupo Social

RESISTÊNCIA E MOBILIZAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BAIXO TAPAJÓS

Valmir Cardoso Dos Santos⁶⁶

Na região do Baixo Tapajós no estado do Pará, tem se observado, nos últimos 30 anos, um processo crescente de territorialização dos povos indígenas, que por meio de diferentes etnias estão se auto afirmando em seus territórios tradicionalmente ocupados. Nesse sentido, um crescente movimento de agentes sociais, até então classificados como “caboclos”, passaram a se auto definir como indígenas e a reivindicar o reconhecimento legal de sua etnia e território. Tais povos se organizaram em associações, conselhos e por territorialidades específicas segundo seus grupos étnicos e os territórios reivindicados.

No baixo tapajós, a dimensão política dos processos de territorialização dos indígenas relaciona-se principalmente com a apropriação de território pelos grupos étnicos e pela defesa de um modo de vida que conflita com as normativas das unidades de conservação dos recursos naturais.

Podem-se identificar três momentos importantes nesse processo de territorialização. O primeiro, quando as comunidades ribeirinhas, localizadas às margens dos rios tapajós e Arapiuns, apoiadas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), pela Igreja Católica e Ministério Público Federal(MPF), mobilizaram-se em prol da criação da Resex Tapajós Arapiuns, visando a proteção de seus territórios que estavam ameaçados pela presença de madeiras e pequenas mineradoras. No início de 1997, após muitos encontros intercomunitários, mais de 60 comunidades solicitaram oficialmente a criação da Resex Tapajós-Arapiuns, e realizaram várias mobilizações para pressionar o governo federal a atendê-los. Nesse contexto de mobilização em 1997, foi fundado, por iniciativa de Florêncio Vaz, o Grupo Consciência Indígena(GCI). Em fins de 1998 a Resex tapajós-arapiuns foi criada, significando uma grande conquista para as comunidades locais.

⁶⁶ Professor De Filosofia. Instituição: UFPA E Seduc.

O segundo refere-se a autoafirmação das famílias da comunidade de Taquara, em 1998, que atendendo ao pedido de seu curador Laurelino Floriano, o qual afirmava não ter vergonha de sua origem indígena, protocolou na Funai a primeira solicitação de reconhecimento oficial da identidade indígena. Após a adesão da comunidade de Taquara ao movimento indígena, outras comunidades passaram a se reconhecer como indígenas. Foi nesse contexto que ocorreu o I Encontro dos Povos Indígenas do rio Tapajós, nos dias 31/12/199 e 01/01/2000, na comunidade de Jaurituba. O objetivo principal foi celebrar os 500 anos de resistência indígena e promover o resgate da História, identidade e tradições indígenas locais. Nesse encontro, com apoio da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), 150 representantes de 10 comunidades debateram, principalmente, sobre os direitos indígenas.

O terceiro momento ocorreu em maio de 2000, com a criação do Conselho Indígena dos rios Tapajós e Arapiuns (CITA). A partir de então, constituiu-se principal representação política de mobilização indígena do Baixo Tapajós, passando a organizar juridicamente as ações do movimento no plano dos direitos indígenas frente a Funai e a outros órgãos.

O processo de reorganização política de povos indígenas no baixo Tapajós, no Oeste do Pará, faz parte de um fenômeno mais amplo que ocorre em toda a Amazônia, na América Latina e no mundo. Povos já dados como extintos entram em cena novamente, alterando as relações entre esses grupos e as instituições do Estado e com os outros movimentos sociais e modificando a dinâmica interna dessas próprias comunidades.

O Movimento Indígena no baixo rio Tapajós

O processo de reorganização política dos povos indígenas no baixo rio Tapajós, no Oeste do Pará, faz parte de um fenômeno mais amplo que ocorre em toda a Amazônia, na América Latina e no mundo. Povos já dados como extintos entram em cena novamente, alterando as relações entre esses grupos e as instituições do Estado e com os outros movimentos sociais e modificando a dinâmica interna dessas próprias comunidades, que até passaram a se classificar como aldeias e a se referir aos seus líderes como caciques. São treze os povos indígenas que, desde a década de 1990 passaram a se mobilizar e reivindicam seus direitos diante do governo. A saber: Tapajó, Tupaiú, Tupinambá, Arapium, Borari, Maytapu, Munduruku, Cara Preta, Apiaká, Cumaruara, Arara Vermelha, Jaraqui e Tapuia. Se hoje são 55 aldeias e aproximadamente 7 mil indígenas na região, tudo começou com o pequeno povoado de Taquara, que em fins de 1998 se assumiu publicamente como indígena, atendendo a um pedido do seu falecido líder e patriarca, o curador Laurelino Floriano, que gostava de afirmar

que ele era índio e não se envergonhava dessa condição. Os moradores de Taquara procuraram a Fundação Nacional do Índio (Funai) em Itaituba, buscando o reconhecimento de que eles também eram índios e reivindicando a demarcação das suas terras. Em maio de 2000, já somavam 11 as aldeias indígenas no baixo Tapajós demandando reconhecimento oficial, e seus líderes resolveram criar o Conselho Indígena dos rios Tapajós e Arapiuns (CITA), para melhor coordenar as ações do nascente movimento indígena, junto com o Grupo Consciência Indígena (GCI), que tem fornecido apoio na parte da formação política, animação, divulgação e articulação.

A história e a antropologia lhes dão razão. Os vários povos que ali habitavam a época da chegada dos europeus, e que, desde então, foram profundamente impactados pelas guerras, epidemias, escravização e catequese, não desapareceram num passe de mágica. Seus descendentes, incluindo os mestiços, reorganizaram suas crenças, seu modo de vida e suas comunidades, criando estratégias para resistir e continuar vivendo. A crença nos encantados e a existência dos pajés ainda hoje é sinal desta resistência. Outra, as aldeias ribeirinhas estão majoritariamente estabelecidas nas mesmas áreas em que viveram seus antepassados e se organizam conforme um padrão cultural deles herdado. Mais recentemente, comunidades localizadas à margem da Rodovia Santarém-Curuá Una e distantes dos rios Tapajós e Arapiuns, também passaram a se assumir indígenas. Estão na região do Planalto Santareno, área de intensa colonização, mais próxima de um estilo que pode ser visto como camponês (pequenos lotes familiares, agricultura voltada para o mercado etc.). Muitas destas famílias são descendentes de migrantes nordestinos, outras são descendentes de quilombolas e de indígenas do rio Tapajós. São aldeias mais heterogêneas internamente, se comparadas com o padrão das aldeias ribeirinhas. Mesmo com esta particularidade, elas se somam ao movimento indígena e exigem a demarcação das suas terras, ameaçadas pelo avanço do agronegócio da soja na região.

Educação Escolar Indígena: Um possível caminho de autonomia

Não precisamos ser nenhum doutor ou especialista para entender que as "escolas plantadas de fora" tiveram geralmente a intenção de dominar e impor uma outra cultura. Foi talvez o método mais eficaz de implantar e consolidar o processo, de invasão, colonização e ocupação dessa terra por gente e pensamentos diferentes, vindos da Europa e depois de outros lugares do mundo. Houve algumas poucas exceções onde as escolas serviram para os índios se defenderem da invasão e resistirem a partir de seus projetos de vida e sociedade. Geralmente

foi o contrário. Mesmo quando parecia que havia interesse em aprender a língua e alguns aspectos das culturas dos povos n2.tivos daqui, e, a para depois mostrar como não prestavam ou eram inferiores, ou ainda para usar a língua para ensinar a cultura, valores e religião dos invasores. Por isso que a gente quando começa refletir sobre escola nas aldeias tem que "confiar, desconfiando". E é isso que a grande maioria das comunidades e aldeias indígenas tem feito nos últimos anos. Por isso vamos aqui trazer algumas das posições e propostas que foram construídas e estão em discussão nas novas leis, como o Estatuto dos Povos Indígenas, e na criação de uma nova política indigenista do governo Lula.

Essa é uma primeira questão. Não se pode mais aceitar simplesmente a construção e organização de uma escola de fora para dentro — seja por parte do município, do Estado ou mesmo do governo federal. A primeira coisa é a comunidade ter claro o que quer, como quer e qual escola quer. Isto é, a comunidade deve ser quem propõe e controla a escola. Isto é ser protagonista, é lutar por autonomia e liberdade. Chega de engolir "cobras, sapos e lagartos". Já é tempo de saber e decidir sobre o que cada comunidade quer, seja do governo, da sociedade, do município e/ou das igrejas e das entidades. E com a escola deve ser assim. Só deste jeito nós vamos desmontar a escola da sociedade dominante, aquela que não tem a intenção de ser um espaço de gerador de vida, mas simplesmente jogar os povos indígenas no mundo da competição, do consumismo e do individualismo. E isso, como já sabemos, não é caminho de felicidade e de realização para os não índios e certamente não será para os povos indígenas. Os povos indígenas conquistaram espaço na educação escolar, mas mesmo as escolas mais indígenas ainda dependem de uma estrutura de cima para baixo.

Da escola que temos para a escola que queremos.

Hoje existem milhares de escolas entre os povos indígenas de todo o país. E se a gente der uma rápida olhada vamos perceber que tem escola de todo jeito. Desde a escola que continua ensinando que "os portugueses descobriram o Brasil", até as escolas que tem já seu jeito, currículo e pedagogia conforme é a cultura do povo. Por isso é urgente aprofundar a discussão e exigir do governo brasileiro uma política educacional indígena, com orientação comum, verbas próprias, autonomia administrativa, mas com características próprias de cada povo. E isso que está já posto na lei, quando se garante o direito a "escola indígena específica e diferenciada". Acontece que nos municípios e Estados, muitas vezes tem gente que não quer entender e respeitar isso. Por isso no Estatuto dos Povos indígenas tem uma proposta construída e aprovada pelo movimento indígena, onde é colocada uma forma nova de ser, construir e fiscalizar as escolas indígenas. Isso se dará através de um subsistema de Educação

Indígena baseado nos Distritos Especiais de Educação Indígena, onde as comunidades terão voz e vez para dizer como querem a escola e espaço para fiscalizar para que aconteça conforme decidido. Porém isso não é tão fácil. Basta ver o que o governo fez com a proposta dos Distritos Especiais de Saúde Indígena. Pegaram a ideia construída coletivamente e fizeram aquilo que o governo quis. Por isso, em grande parte fracassou. Mas esse aprendizado deve servir para garantir que o processo de educação escolar indígena tenha garantido a participação, controle social e autonomia financeira e administrativa.

A LUTA E A CONVERSA CONTINUAM

Podemos concluir dizendo que todo esse trabalho tem como finalidade a “afirmação da identidade, cultura e projetos próprios de vida”. E isso se dará de forma diversificada, a partir da realidade, das potencialidades e da disposição política de cada comunidade, aldeia e povo indígena de construir não apenas uma nova política indigenista, com relações de diálogo igualitário com a sociedade não indígena, mas projetos para cada povo viver com dignidade e autonomia em suas terras.

Também, não podemos esquecer as importantes experiências e lutas dos “povos resistentes”, daqueles que foram expulsos das terras e hoje estão em cidades. Com todos eles, e com todos os excluídos dos campos e das cidades, queremos ajudar o governo a cumprir sua promessa de mudanças e de construir um país melhor para todos.

PALAVRAS-CHAVES: Baixo Tapajós; Territorialização; Povos Indígenas.

